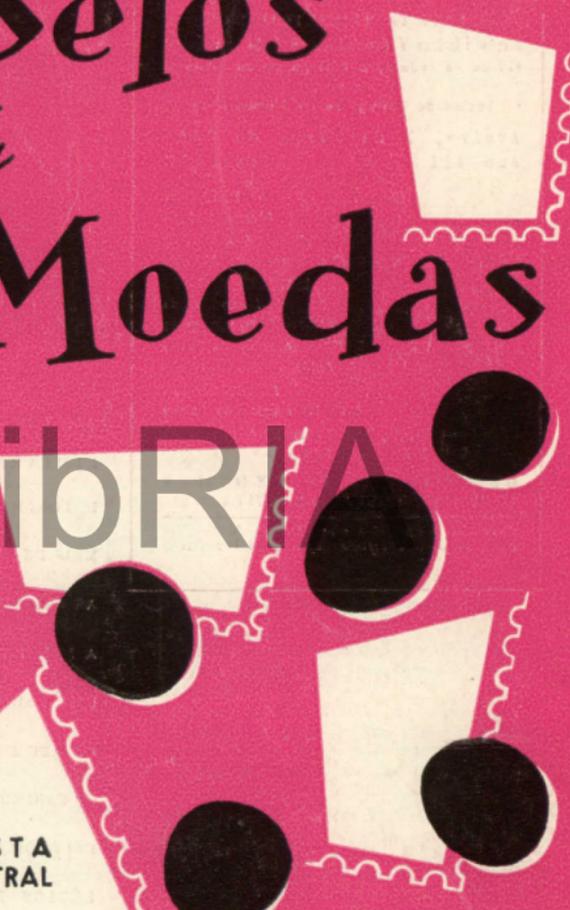


AVEIRO, 1-III-1965 ★ ANO III ★ N.º 10 ★ DEZEMBRO e FEVEREIRO

Selos & Moedas



REVISTA
TRIMESTRAL

da

SECÇÃO FILATÉLICA

e

NUMISMÁTICA

do

Clube dos Galitos



29830

LIMIAR

PRESENTE!

Ao entrarmos para a direcção de «SELOS & MOEDAS», não o fizemos de ânimo leve. As grandes responsabilidades e os problemas que a todo o momento surgem numa publicação deste género, já tinham sido por nós experimentados quando colaboramos em tempos na redacção da Revista.

Mas a verdade é que a Filatelia, além duma Ciência, é também uma Arte para a qual somos atraídos por um sentimento pessoal, impossível de dominar.

Para dedicarmos horas de labor e entusiasmo à composição e estudo da Revista, fomos chamados a voltar ao trabalho há tempos interrompido. E para isso dissemos: Presente!

Sabemos bem que o nosso gosto de coleccionar, a nossa distracção predilecta, vai ser profundamente prejudicada com o trabalho a que vamos tentar dar continuidade. O tempo disponível é pouco e pena temos de não nos podermos multiplicar para que, sem prejudicarmos o andamento normal de «SELOS & MOEDAS», a nossa vida de distracção e prazer continue a sua rotina, o seu caminho calmo e sereno.

Mas nada disso contou quando dissemos: Presente! Apenas nos lembramos que alguém tinha de continuar. Esse alguém poderíamos ser nós ou outros.

Para esses há-de chegar a sua hora. E então, tal como agora fizemos, desejamos acima de tudo que, para bem duma Filatelia sã e pura, saibam dizer com voz troante: PRESENTE!

CORREIA DE ALMEIDA

I CONGRESSO

JEM os filatelistas do Galitos de Aveiro procurado caminhar sem grandes alardes mas, com segurança e sentido, donde o grande avanço, em curto espaço de tempo, da filatelia aveirense.

Morais Calado, quando com o engenheiro Paulo Seabra Ferreira e Carlos da Rocha Leitão, aconteceu com a sua genica de transmontano a dar impulso à Secção Filatélica e Numismática do Galitos, tinha em mente, entre muitas outras coisas igualmente vultuosas, a realização duma reunião preparatória do que viria a ser o I Congresso dos Filatelistas Portugueses, reunião essa que desejava fosse, ao mesmo tempo, um elo de amizade que a todos os filatelistas envolvesse e o ponto de partida para a solução de vários problemas filatélicos que se têm mostrado até hoje sem solução ou, pelo menos, sem a solução adequada.

Foi esta aspiração de Moraes Calado, gorada aos primeiros passos, que o levou a afastar-se da filatelia e foi ela que afinal, o trouxe de novo ao nosso convívio para dar realidade a outra maior — o Congresso.

No último dia do selo, a grande massa dos filatelistas do Galitos, alguns vindos para confraternizar desde longas terras, que durante o banquete levado a efeito no Restaurante Galo de Ouro, entregou, pela mão do seu ilustre e prestigioso presidente, sr. dr. Mário Gaioso, a Moraes Calado, o encargo da organiza-

ção do I Congresso Filatélico Português e hoje, após o grande filatelista ter gizado o seu plano e dado vários passos para lhe dar corpora-

ção podemos, gostosamente, informar os nossos leitores de que Moraes Calado já tem um plano, ou melhor, o plano do Congresso e de que na sua vontade inquebrantável de transmontano nos anunciou: já pode dar a notícia do Congresso, entregando-nos o plano do mesmo.

Do Congresso serão convidados de honra todos os filatelistas eminentes e bem assim todos os dirigentes filatélicos dos principais clubes e núcleos filatélicos, do País tendo o mesmo assento em Aveiro e será presidido pelo professor dr. Carlos Pinto Trincão, filatelista eminente de renome mundial e presidente da Federação Portuguesa de Filatelia.

Para a inauguração deste Congresso, em que a Imprensa, a Rádio e a T.V. não serão esquecidas, serão convidadas as mais altas personalidades nacionais e existe a esperança de contemporaneamente, se poderem encontrar presentes algumas das mais cotadas notabilidades estrangeiras da Filatelia Temática para que com elas se possam discutir algumas das conclusões a que no Congresso se tiver chegado depois de apreciadas e debatidas as teses apresentadas e provenientes dos mais recônditos torrões do País.

Temos, sem dúvida, altos valores adentro da filatelia nacional, muitos deles absolutamente igno-

FILATÉLICO

PORTUGUÊS

rados de todos nós e que vão ter agora a oportunidade da sua aparição para demonstrarem quanto valem e do que são capazes.

Para além do mais uma certeza: a de que será dado o primeiro grande passo para a harmonia da família filatélica nacional, o primeiro grande passo para conhecimento e para o desenvolvimento da filatelia Portuguesa.

Vamos, pois, entrar num cam-

po de realizações, obra grande a todos os títulos, tendo todos nós de, como artistas ou artífices, dando as mãos, afincadamente trabalhar para produzir obra de vulto.

Aveiro será dentro em breve uma nova Belém, uma terra de promessa no «mare magnum» da filatelia e daí esta palavra de ordem que desde já a nós próprios todos devemos, impor: vamos a Aveiro ao I Congresso Filatélico Português.

Transcrito com a devida vénia da Secção Filatélica do Jornal «REPÚBLICA».

JORGE DE MELO VIEIRA



As referências feitas no presente artigo pelo Dr. Jorge Vieira, a Moraes Calado, são de todo justas e merecedoras.

Esquece-se no entanto aquele nosso ilustre amigo desde a primeira hora, que é a ele também como íntimo colaborador de Moraes Calado e impulsionador não só da filatelia propriamente dita como de todas as organizações a ela ligadas, que se vai ficar devendo a organização do «I CONGRESSO NACIONAL FILATÉLICO».

O seu grande saber e cultura, aliados à sua ampla visão e tacto diplomático, fazem do Dr. Jorge Vieira, o elemento indispensável e o homem n.º 1 do Congresso que ora se avizinha.

E podemos desde já afirmar que se esta manifestação filatélica de carácter nacional for o fulcro de organizações idênticas em anos futuros, o nome do Dr. Jorge Vieira ficará a elas ligado indissolúvelmente como o seu impulsionador e concretizador.

O «I CONGRESSO NACIONAL FILATÉLICO» será uma realidade.

Para isso teremos todos de congregar esforços e boas vontades. Ponhamos os olhos no trabalho dos homens que o idealizaram e procuremos, ao menos, servir esta obra, como preito de homenagem à Filatelia Portuguesa.

Dado o âmbito nacional deste Congresso, primeiro no seu género, estamos convictos que a Comissão Filatélica Nacional e os C. T. T., olharão para esta organização tendo em linha de conta a sua repercussão internacional e lhe darão não só o apoio indispensável como até, e também, a honra de uma emissão comemorativa.

POR ser de inteira justiça e achar a Direcção de «SELOS & MOEDAS» que ela ficaria incompleta se não os mencionassemos e transcrevessemos em lugar de destaque, aqui ficam os «consideranduns» que levaram a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos a eleger Sócios de Mérito dois dos seus mais dedicados amigos e colaboradores desde a primeira hora a quem nos permitimos apelar de Progenitores da Filatelia Aveirense.

Proposta da Secção Filatélica e Numismática

Sócio de Mérito

Primeiro — Considerando que o Ex.^{mo} Senhor DR. JORGE SANTOS DE MELO VIEIRA é sócio da Secção quase desde a fundação e que é o nosso representante permanente junto da Federação Portuguesa de Filatelia;

Segundo — Considerando que muito embora não sendo aveirense, quando solicitado e mesmo por iniciativa própria, sempre procurou com a maior abnegação e sem regatear esforços resolver os problemas e dificuldades da Secção e do seu órgão «Selos & Moedas»;

Terceiro — Considerando que com os seus dotes de inteligência e de batalhador incansável pela expansão da Filatelia, tem contribuído largamente para o engrandecimento da Secção, quer como ilustre e erudito colaborador de «Selos & Moedas», quer através das suas muito apreciadas crónicas jornalísticas, nas quais tem inúmeras vezes divulgado as nossas actividades;

Quarto — Considerando que estamos muito reconhecidos pela amizade que dedica à nossa obra e devemos homenagem ao seu extraordinário dinamismo em prol da Filatelia;

PROPÕE - SE

a) — Que seja eleito SÓCIO DE MÉRITO da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, o Ex.^{mo} Senhor DR. JORGE SANTOS DE MELO VIEIRA;

b) — Que o respectivo diploma lhe seja entregue na Sessão Solene do próximo dia 1 de Dezembro, comemorativa do «X Dia do Selo» e do «2.º Aniversário de «Selos & Moedas».

Proposta da Secção Filatélica e Numismática

Sócio de Mérito:

Primeiro — Considerando que o Ex.^{mo} Senhor JOSÉ DA PURIFICAÇÃO MORAIS CALADO é um dos sócios fundadores da Secção Filatélica e Numismática do Clube, de cuja constituição foi um dos principais obreiros;

Segundo — Considerando que ocupou desde a fundação da Secção importantes cargos directivos, desempenhando as respectivas funções com a maior competência e inexcusável zelo e dedicação;

Terceiro — Considerando que foi o fundador e director da nossa revista «Selos & Moedas» que tão alto tem elevado e dignificado a Secção, e por consequência o Clube e a Cidade;

Quarto — Considerando que nos seus actos sempre depositou a maior isenção, tendo como única preocupação servir a Filatelia e a Numismática;

Quinto — Considerando que se deve a grande projecção e prestígio da Secção ao seu labor inultrapassável, à sua larga visão, à sua dedicação sem limites, mesmo sacrificando a própria bolsa, ao seu entranhado amor por aquelas modalidades de coleccionamento como elementos de valorização do homem;

PROPÕE-SE

a) — Que seja eleito SOCIO DE MÉRITO da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, o Ex.^{mo} Senhor JOSÉ DA PURIFICAÇÃO MORAIS CALADO;

b) — Que o respectivo diploma lhe seja entregue na Sessão Solene do próximo dia 1 de Dezembro, comemorativa do «X Dia do Selo» e do «2.º Aniversário de «Selos & Moedas».

PARA os dois homenageados aqui vai o nosso abraço amigo e sincero e a certeza de que procuraremos, dentro da medida do possível, continuar a sua obra e colaborarmos incondicionalmente em todas as actividades filatélicas que se criem para engrandecer a Filatelia Nacional.

Homens sem nome!

Para quê um NOME, se as acções definem O HOMEM?!

Encontramo-lo sempre, onde quer que seja preciso!

Desde as primeiras horas que vive com entusiasmo, sem desfalecimentos, com frenezí, com paixão, dia a dia, a «vida» da nossa Secção!

Te-mo-lo sempre presente!

Te-mo-lo sempre pronto a atender todas as nossas «exigências» com um sorriso de compreensão e, eficiente, procura resolver os nossos pequenos «problemas» filatélicos.

A sua modéstia — que não desejamos ferir — faz-nos omitir o seu nome que, embora pequeno, contrasta com o conceito da honra, a noção do verdadeiro dever e espírito de sacrifício que lhe são apanágio.

É com HOMENS desta têmpera que a Secção conta!

É com HOMENS assim que a «Revista» singra;

Honre-mo-lo pois, com o penhor do nosso agradecimento; estime-mo-lo pelo muito que lhe devemos.

OBRIGADO «SEU BANQUEIRO»!

N. SALEMA

« CARTA ABERTA »

da

nova Direcção da Secção Filatélica e Numismática do «Clube dos Galitos», de Aveiro

No início de mais um ano de actividade, a direcção da Secção Filatélica do «Clube dos Galitos» de Aveiro, deseja, por intermédio deste porta-voz, reiterar a todos os seus Consócios e Amigos, o «abraço filatélico» que sempre os tem unido, nestes anos volvidos.

A obra iniciada em 1956 prosseguirá, e, aos seus antecessores, endereça a actual Direcção o seu «bem haja», pela senda brilhante que trilhou, servindo de incentivo para que caminhemos sem desânimo, no sentido sempre crescente de se conseguir «MAIS E MELHOR», em prol da FILATELIA.

Nessa certeza, podemos pois afirmar que, a palavra «PRESENTE», será o nosso lema.

A nossa vontade firme e o desejo implícito de continuar a obra iniciada — com insano esforço — serão o estímulo e o aliciente, para que sejamos capazes de seguir, sem desfalecimentos, o exemplo que nos deram aqueles obreiros.

— Para Eles pois, o nosso «obrigado» pelo muito que nos ensinaram; para eles pois, a promessa — não de melhor, que impossível seria — mas de MAIS, que procuraremos realizar.

— Para os nossos Amigos filatelistas em geral, a certeza de que a nossa Secção é uma «porta-aberta», onde terão entrada todos aqueles que de nós careçam.

— Para a Direcção do «Clube dos Galitos» — ao qual nos honramos de pertencer — reafirmamos o nosso tão incondicional como modesto préstimo, reivindicando o desejo de compartilhar na vida intensa do «dia a dia» do Clube.

— Para os nossos queridos Consócios, tudo quanto lhes temos a dizer, é que auguramos uma união perfeita, um íntimo pulsar de corações e frementes anseios, para que o novo ano filatélico possa ser aquele que todos desejamos, repleto de iniciativas, trabalho e colaboração, pois só deste modo conseguiremos alcançar a carreira evolutiva que todos vislumbramos como alvo a atingir.

NÓS, simplesmente, ESTAREMOS SEMPRE PRESENTES.

A DIRECÇÃO

MAIS DE TREZENTOS ANOS DE SELOS DE CORREIO

1.ª PARTE

É com o maior prazer que publicamos a continuação de um interessante conferência proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. António Fragoso, no Clube Fenianos Portuenses, (Vidé Selos & Moedas, n.º 5)

Este artigo engloba os capítulos com que se completa a primeira parte deste trabalho.

4—O SELO ADESIVO

Naquele período, de cerca de duzentos anos, da vigência quase exclusiva do selo postal fixo, era mais longa a vida humana, no sentido de que se vivia muito mais devagar. Se olharmos apenas ao pormenor que mais interessa agora ao nosso objectivo, recordemos como, naquele tempo, eram demorados os transportes e eram lentas as viagens. O homem servia-se apenas das forças simples da Natureza, directamente utilizadas, ou, melhor dizendo, utilizadas por intermédio das máquinas naturais ou de engenhos mais ou menos rudimentares. Assim, por exemplo, em terra firme, o homem viajava de cadeirinha ou de liteira, a cavalo, depois em veículos de tracção animal. No mar ou no rio, era ainda o motor muscular que movia os remos, ou era a força do vento que enfunava as velas e impelia os barcos.

Com tamanha lentidão das deslocções rimava perfeitamente a morosidade dos serviços postais daquela época. Nos correios de grégos, havia tempo de sobra para pesar as cartas, para indagar a extensão dos seus percursos, para escrever ou carimbar em cada uma delas o porte conveniente, de acordo com a peso e com a distância. Nos correios de destino, era a longa tarefa da verificação e da liquidação dos portes, que os destinatários das cartas iam ou mandavam pagar ao balcão do respectivo funcionário postal.

Entretanto, já no primeiro quartel do século XVII, isto é, cinquenta anos antes da criação do selo fixo de Henry Bishop, surgira pela primeira vez a ideia de utilizar a pressão do vapor de água como novo agente motor. Mas foi somente ao cabo de longos e persistentes estudos, prolongados até aos começos do século XIX, foi só então que se conseguiu

obter a máquina capaz de utilizar, de maneira eficiente e prática, a nova força motriz. E esse notável invento da máquina a vapor — lê-se num treatadista da matéria — «marcou um passo decisivo no progresso científico e industrial da Humanidade».

Com efeito, e além do mais, a máquina a vapor veio revolucionar profundamente todas as indústrias do homem, entre as quais, evidentemente, a indústria dos transportes. E a revolução traduziu-se, sobretudo pela extraordinária aceleração das tarefas humanas e, portanto, pelo aumento geral da produção.

No capítulo que nos interessa, e em poucas palavras, diremos que a pochorenta mala-posta de tracção animal foi destronada pela locomotiva dos caminhos de ferro. No mar, o navio à vela cedeu o passo ao barco a vapor, aos velozes transatlânticos. (10)

Por sua vez, o incremento da produção e o consequente desenvolvimento de todos os ramos do comér-

(10) Foi em 1830 que funcionou o primeiro comboio inglês, entre Liverpool e Manchester. Em 1837 inaugurou-se o primeiro comboio francês, de Paris a Saint Germain. Em Espanha, a primeira linha de caminho de ferro, entre Barcelona e Mataró, começou a funcionar em 1848. E em Portugal o primeiro comboio, de Lisboa ao Carregado, inaugurou-se em 1856.

Quando aos transportes marítimos, lembremos que data de 1803 a construção do primeiro barco a vapor, o navio de rodas. Mas só depois de 1836, com a invenção da hélice, que substituiu as rodas, se tornou verdadeiramente prática a navegação a vapor.

cio trouxeram, como inevitável resultado, o rápido crescimento do volume das correspondências postais.

Tornava-se, pois, evidente que o serviço dos Correios tinha de sofrer profunda remodelação, para conseguir alcançar o mesmo ritmo da grande revolução em curso. De maneira mais explícita, teria de sofrer uma aceleração correspondente à aceleração produzida pela máquina a vapor na indústria dos transportes. Por consequência, e usando aqui o simile, perfeitamente cabido, diremos que, para a indústria do Correio, era preciso obter um novo motor, e depois inventar a máquina que o pudesse utilizar de maneira conveniente.

E tudo se encontrou a breve trecho, o motor e a respectiva máquina.

O novo motor, o nova força motriz, foi a grande reforma, verdadeira revolução postal, sugerida pelo súbdito inglês Rowland Hill, posta em execução na Grã-Bretanha a partir de 6 de Maio de 1840 e adoptada pelo nosso país no 1.º de Julho de 1853.

Vamos ver—e daqui em diante falarei sobretudo com a ideia posta no caso português—vamos ver em que consistiu essa notável reforma dos Correios. — Consistiu essencialmente na eliminação de dois velhos costumes do tempo dos selos fixos (costumes a que já me referi ao fechar o capítulo anterior) e na sua substituição por práticas diametralmente opostas. Em primeiro lugar, o antigo sistema do pagamento dos portes a cargo do destinatário foi substituído pelo novo sistema do pagamento prévio, isto é, feito pelo expedidor. Em segundo lugar, o porte variável, com a distância a percorrer, dentro do país, foi substituído pelo porte uniforme, isto é, pelo porte que não

QUE É O SELO DE CORREIO



pelo

DR. ANTÓNIO FRAGOSO

MAIS DE TREZENTOS ANOS DE SELOS DE CORREIO

1.ª PARTE

É com o maior prazer que publicamos a continuação da interessante conferência proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. António Fragoso, no Clube Fenianos Portugueses. (Vidé Selos & Moedas, n.º 5)

Este artigo engloba os capítulos com que se completa a primeira parte deste trabalho.

4—O SELO ADESIVO

Naquele período, de cerca de duzentos anos, da vigência quase exclusiva do selo postal fixo, era mais longa a vida humana, no sentido de que se vivia muito mais devagar. Se olharmos apenas ao pormenor que mais interessa agora ao nosso objectivo, recordemos como, naquele tempo, eram demorados os transportes e eram lentas as viagens. O homem servia-se apenas das forças simples da Natureza, directamente utilizadas, ou, melhor dizendo, utilizadas por intermédio das máquinas naturais ou de engenhos mais ou menos rudimentares. Assim, por exemplo, em terra firme, o homem viajava de cadeirinha ou de liteira, a cavalo, depois em veículos de tracção animal. No mar ou no rio, era ainda o motor muscular que movia os remos, ou era a força do vento que enfunava as velas e impelia os barcos.

Com tamanha lentidão das deslocções rimava perfeitamente a morosidade dos serviços postais daquela época. Nos correios de grégem, havia tempo de sobra para pesar as cartas, para indagar a extensão dos seus percursos, para escrever ou carimbar em cada uma delas o porte conveniente, de acordo com a peso e com a distância. Nos correios de destino, era a longa tarefa da verificação e da liquidação dos portes, que os destinatários das cartas iam ou mandavam pagar ao balcão do respectivo funcionário postal.

Entretanto, já no primeiro quartel do século XVII, isto é, cinquenta anos antes da criação do selo fixo de Henry Bishop, surgiria pela primeira vez a ideia de utilizar a pressão do vapor de água como novo agente motor. Mas foi somente ao cabo de longos e persistentes estudos, prolongados até aos começos do século XIX, foi só então que se conseguiu

obter a máquina capaz de utilizar, de maneira eficiente e prática, a nova força motriz. E esse notável invento da máquina a vapor — lê-se num treatadista da matéria — «marcou um passo decisivo no progresso científico e industrial da Humanidade».

Com efeito, e além do mais, a máquina a vapor veio revolucionar profundamente todas as indústrias do homem, entre as quais, evidentemente, a indústria dos transportes. E a revolução traduziu-se, sobretudo pela extraordinária aceleração das tarefas humanas e, portanto, pelo aumento geral da produção.

No capítulo que nos interessa, e em poucas palavras, diremos que a pachorrenta mala-posta de tracção animal foi destronada pela locomotiva dos caminhos de ferro. No mar, o navio à vela cedeu o passo ao barco a vapor, aos velozes transatlânticos. (10)

Por sua vez, o incremento da produção e o consequente desenvolvimento de todos os ramos do comér-

cio trouxeram, como inevitável resultado, o rápido crescimento do volume das correspondências postais.

Tornava-se, pois, evidente que o serviço dos Correios tinha de sofrer profunda remodelação, para conseguir alcançar o mesmo ritmo da grande revolução em curso. De maneira mais explícita, teria de sofrer uma aceleração correspondente à aceleração produzida pela máquina a vapor na indústria dos transportes. Por consequência, e usando aqui o símile, perfeitamente cabido, diremos que, para a indústria do Correio, era preciso obter um novo motor, e depois inventar a máquina que o pudesse utilizar de maneira conveniente.

E tudo se encontrou a breve trecho, o motor e a respectiva máquina.

O novo motor, ou nova força motriz, foi a grande reforma, verdadeira revolução postal, sugerida pelo súbdito inglês Rowland Hill, posta em execução na Grã-Bretanha a partir de 6 de Maio de 1840 e adoptada pelo nosso país no 1.º de Julho de 1853.

Vamos ver — e daqui em diante falarei sobretudo com a ideia posta no caso português — vamos ver em que consistiu essa notável reforma dos Correios. — Consistiu essencialmente na eliminação de dois velhos costumes do tempo dos selos fixos (costumes a que já me referi ao fechar o capítulo anterior) e na sua substituição por práticas diametralmente opostas. Em primeiro lugar, o antigo sistema do pagamento dos portes a cargo do destinatário foi substituído pelo novo sistema do pagamento prévio, isto é, feito pelo expedidor. Em segundo lugar, o porte variável, com a distância a percorrer, dentro do país, foi substituído pelo porte uniforme, isto é, pelo porte que não

QUE É O SELO DE CORREIO



(10) Foi em 1830 que funcionou o primeiro comboio inglês, entre Liverpool e Manchester. Em 1837 inaugurou-se o primeiro comboio francês, de Paris a Saint Germain. Em Espanha, a primeira linha de caminho de ferro, entre Barcelona e Mataró, começou a funcionar em 1848. E em Portugal o primeiro comboio, de Lisboa ao Carregado, inaugurou-se em 1856.

Quanto aos transportes marítimos, lembremos que data de 1803 a construção do primeiro barco a vapor, o navio de rodas. Mas só depois de 1836, com a invenção da hélice, que substituiu as rodas, se tornou verdadeiramente prática a navegação a vapor.

pelo

DR. ANTÓNIO FRAGOSO

dependia da distância e apenas variava segundo o peso da carta. (11).

Estas duas radicais mudanças introduzidas na velha orgânica dos Correios foram de consequências altamente benéficas.

A primeira mudança, que consistiu na generalização do pagamento prévio dos portes, abreviou automaticamente as operações postais no correio destinatário. Com efeito, a carta chegava ao seu destino inteiramente pronta para entrega imediata. Era indispensável, porém, que a operação do pagamento dos portes, assim transferida para a estação de origem, nela se fizesse de maneira expedita, para que efectivamente se abreviassem, no seu conjunto, as operações do Correio.

Ora, se os utentes postais, segundo a velha usança nos casos pouco frequentes de porte pago, se limitassem a entregar, no correio de origem, as suas cartas e com elas a moeda corrente representativa dos respectivos portes, seria insignificante a aceleração do serviço. Na verdade, que é que se teria abreviado? — Ter-se-ia suprimido, quanto muito, o trabalho de averiguar, nos respectivos mapas, a extensão do percurso das cartas, factor de variação que a reforma eliminara; e também já não era preciso remeter, juntamente com as cartas, o dinheiro dos respectivos portes pagos, visto que, pela nova organização, esses portes tinham deixado de constituir rendimento próprio do correio destinatário. No mais, que era o principal das operações na expedição, tudo continuaria no mesmo pé, quer dizer, teria sido praticamente nulo o benefício da reforma.

Que faltava, pois, ao plano de Rowland Hill, cujo teor se figurava excelente? — Pertenceu ainda à Grã-Bretanha o mérito de preencher a lacuna de maneira definitiva: o que faltava era a máquina que pudesse utilizar, plenamente, o novo agente motor. A essa máquina, que a Grã-Bretanha adoptou em 1840, se viria a chamar, em nossa língua portuguesa, **selo postal adesivo de franquia prévia**, de seu nome completo.

Que é, pois, o **selo postal adesivo**, terceira espécie do nosso quadro? E como funciona ele? — Orgânicamente, ele é pequena etiqueta ou estampa de papel, que numa das faces produz o essencial do selo fixo estudado no capítulo anterior, e que pela outra face o utente vai colar no endereço das cartas. Funcionalmente, o selo postal adesivo é autêntico dinheiro, pequeníssima nota com que se paga o porte das cartas; é aquela original moeda, que facilmente se pode adquirir na sede ou em qualquer filial ou agência do respectivo **banco** emissor, a Administração Geral dos Correios.

Do que fica dito, já claramente se vê qual foi o estratagema utilizado: aquela espessa moeda metálica (o **penny** inglês ou o vintém português), que dantes o expedidor entregava em mão, ao postigo do Correio, foi substituída pela fina e delicada estampa de papel que o mesmo expedidor ia colar no próprio endereço das cartas.

Mas o sistema do pagamento prévio dos portes teria sido impossível se ele se não tivesse conjugado com a segunda mudança introduzida, isto é, com a instituição do porte uniforme. Imagine-se o que seria a taxaço das cartas, a carga dos utentes postais e naquele velho regime de porte variável com a distância! E imagine-se o colossal trabalho de verificação desses portes e da correcção dos erros, que seriam fatais e numerosos!...

Graças à combinação dos dois novos preceitos e ao precioso concurso do selo adesivo, todas as dificuldades se aplanaram. Assim, por exemplo,

(11) *Observe-se que o novo sistema do porte uniforme só se applicou, nos primeiros tempos, ao serviço interior de cada país. No serviço internacional, continuou a vigorar o antigo sistema, com os portes a pagar no destino e também variáveis, não segundo as distâncias, mas sim de acordo com as múltiplas convenções postais bilaterais, então em vigor. A uniformização geral só se realizou em 1874, com a criação da União Postal Universal.*

os numerosos carimbos de porte a pagar, que nos correios portugueses serviam para a taxação das cartas, logo se puseram de lado e se substituíram por um único selo adesivo, da taxa de 25 reis, aposto pelo público e válido para todos os percursos da carta do peso mínimo (12).

Elegantemente e com extrema simplicidade, o pequeno selo adesivo, verdadeiro executor da reforma, conseguiu assim abreviar substancialmente as operações postais na expedição. E fê-lo, transferindo para o próprio utente muitas das tarefas que anteriormente pertenciam aos manipuladores do Correio.

Com efeito, o expedidor passou a encarregar-se de pesar as suas cartas; de averiguar na respectiva tabela, aliás muito simples e de muito fácil maneio, qual o porte correspondente ao peso achado; e, finalmente, de colar no endereço o correspondente selo adesivo.

Deste modo, ao entrar na repartição do correio, a carta estava inteiramente pronta para logo seguir ao seu destino. Com mais rigorosa palavra, direi que ao funcionário do Correio apenas restava a singela tarefa de passar recibo, isto é, de utilizar a pequena estampilha, para que ela se não pudesse novamente empregar no pagamento dos portes.

Aos nossos olhos de agora há-de parecer que era extremamente fácil a resolução do problema. Pois era... Mas foi necessária a intervenção dum Colombo que descobrisse a maneira de manter o ovo de pé. E esse Colombo foi ainda Rowland Hill. Não porque fosse ele o inventor da etiqueta adesiva, mas sim porque ele teve a oportuníssima ideia de chamar ao serviço da sua reforma a máquina que já então existia na própria Grã-Bretanha (13).

Para glorificar a memória de Rowland Hill, chega e sobra a sua notabilíssima reforma postal, tão combatida por tantos dos seus contemporâneos, mas que, ao fim e ao cabo, foi adoptada pelo governo inglês e sucessivamente perfilhada por todos os países do mundo.

E até basta apenas salientar um dos benefícios da reforma, porventura o mais expressivo de todos: — Em substituição do exagerado porte da carta simples inglesa, que anteriormente variava, segundo a distância, entre dois dinheiros e um xelim e mais, Rowland Hill propôs, para o seu país, o porte uniforme de um dinheiro. Tal é, aliás, o facto que se consigna nesta frase gravada no monumento erguido à memória de Rowland Hill: «**He gave us penny postage**». — Deu-nos a taxa ou porte uniforme de um dinheiro. Não se diz na irase que foi ele, verdadeiramente, o inventor da etiqueta adesiva.

E feche-se este capitulo, que mais nos não interessa agora referir. Na verdade, apenas se considerou necessário dizer, neste passo, como se gerou, e nasceu, e funciona aquela máquina que permitiu a plena realização da reforma dos Correios. Outros, devidamente ilustrados na matéria, virão contar-nos aqui a história maravilhosa do selo postal adesivo, que já ultrapassou os cem anos de fecundíssima existência.

Antes, porém, de concluir o capítulo, parece-me conveniente ilustrá-lo com duas reproduções gráficas: a da

(12) *Geralmente, cada correio possuía, só para as cartas do peso mínimo, os carimbos de 20, 25, 30, 35 e 40 reis, taxas correspondentes às cinco distâncias estabelecidas na tabela de 1801. E os grandes correios, como Lisboa e Porto, dispunham ainda doutros mais elevados, pelo menos até ao de 90 reis, destinados às cartas de maior peso. Já vimos nas figuras 5, 6 e 7 algumas destas marcas de porte a pagar.*

(13) *Efectivamente, já nos fins do século XVII tinham aparecido na Inglaterra etiquetas adesivas para fins fiscaes. E sem recuarmos tanto, lembremo-nos, sobretudo, de que em 1837 o súbdito inglês James Chalmers, aliás inspirado nas ideias reformadoras de Rowland Hill, tinha já apresentado o seu projecto de selos postais adesivos.*

5 — A FRANQUIA MECÂNICA

Não era raro ouvir, em tempos que não vão distantes, esta afirmação mais ou menos categórica: foi o selo postal adesivo o verdadeiro agente determinante do extraordinário surto de progresso que definiu a segunda metade do século XIX. Assim, por exemplo, o autor brasileiro Dorvelino Guatemossim, ao falar do selo adesivo, escreveu: «É indubitável que a criação do selo (...) foi um passo gigantesco na senda do progresso universal». E logo a seguir: «As nações que abraçaram a vantajosa inovação (...) viram a sua correspondência, não duplicada nem triplicada, porém, decuplicada».

Já hoje se reconhece que nessas frases, de pura exaltação filatélica, se invertiam simplesmente os papéis. De facto, e como vimos no precedente capítulo, foi a máquina a vapor o agente determinante daquela revolução ou surto de progresso. O selo postal adesivo apenas se limitou ao papel, aliás importante, de executor da reforma postal, reforma que, por sua vez, já era consequência daquela revolução. Sem dúvida, o selo adesivo facilitou o giro das correspondências postais, mas o volume dessas correspondências já começara a subir, vertiginosamente, muito antes do aparecimento do selo adesivo. Em resumo



Figura 11

Fig. 11, que nos mostra alguns dos primeiros selos adesivos, desde o famoso «penny black» de Rainha de Inglaterra, de 1840, até ao 25 reis azul da nossa Rainha D. Maria, de 1853; e a da Fig. 12, onde se vê o primeiro selo adesivo das nossas cartas no primeiro mês da sua circulação.



Figura 12

se dirá que o selo adesivo não foi uma causa, foi um simples efeito.

Se, desta maneira, nós podemos dizer que o selo postal adesivo nasceu da máquina a vapor, podemos também afirmar que os outros selos postais que se lhe seguiram, nos cem anos que depois vieram, de igual modo resultaram, não só do aperfeiçoamento da máquina a vapor, mas também da invenção de máquinas que utilizaram novas forças motrizes, desde o motor de explosão à energia atómica. Por outras palavras: para acompanhar a progressiva aceleração das tarefas humanas, particularmente dos meios de comunicação e transporte, de quem é obediente escravo, o Correio teve necessidade, através dos tempos, de adoptar as devidas providências, algumas das quais se traduziram pela criação de novos tipos de selos postais. É o que vamos agora ver, com referência apenas ao caso português, para chegarmos à **franquia mecânica**, último tipo do nosso quadro.

Em 1878, na sua circular de 14 de Fevereiro, endereçada às administrações postais do Reino, dizia o Director Geral dos Correios: «**Costumam inutilizar-se as estampilhas e marcar-se as cartas, praticando duas operações e impondo nos sobrescritos duas marcas**». É, de facto, o que nós vemos no exemplar de 1853, reproduzido na Fig. 12: imprimiu-se na carta o carimbo datado do correio do Porto, enquanto se inutilizou o selo adesivo com a correspondente obliteração de barras. E a circular continuava: «**Não poderia fazer-se a inutilização do selo com a marca do dia e ano, e evitar duas operações, reduzindo-as a uma?**» — É o que pouco depois se começou a praticar e que nós vemos, por exemplo, no sobrescrito da Fig. 13, datado de Outubro de 1879: desapareceu a obliteração de barras e tudo se reduziu à aposição, no próprio selo adesivo, da marca do dia, que neste caso é a do correio de Braga. Portanto, abreviação do serviço na estação expedidora por supressão pura e simples duma prática que durava havia já 25 anos.



figura 13

Em 1951, nova abreviação do trabalho, obtida por idêntico processo, mas desta vez na estação de chegada: a ordem de serviço 5.108,16, de 20 de Agosto daquele ano, suprimiu, quanto à correspondência ordinária, o secular costume de imprimir, no verso das cartas, a marca do dia do correio do destino.

Estas duas alterações, de 1878 e 1951, nada nos trouxeram de novo, antes reduziram o campo de colheita dos coleccionadores da especialidade. Mas a verdade é que, acima dos interesses particulares da filatelia, sempre se encontrou a imperiosa necessidade de simplificar e abreviar um serviço que é do inadiável interesse de toda a gente.

Entretanto, como se fosse para compensar a apreciável perda, mas que foi apenas e sempre no intuito de abreviar o expediente dos Correios, criaram-se dois novos serviços, os quais determinaram a criação doutros tantos selos postais.

Por decreto de 13 de Dezembro de 1900, criou-se, para os jornais, o regime de pagamento dos portes por **avença**, em vez do anterior processo de pagamento por afixação de selos adesivos. O artigo 3.º do decreto diz que as cintas dos jornais cujo porte for pago pelo novo processo, «**deverão trazer ao alto, impressa, a palavra AVENÇA**». Mais tarde, o sistema estendeu-se a outras correspondências postais e permitiu-se que a palavra AVENÇA se imprimisse por meio de

DEPOSITARIOS
EXCLUSIVOS
dos selos
PREPARADOS
no
LABORATÓRIO
DE QUÍMICA E
SUNOTERAPIA
Dr. SREXAS
PALMA

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO DA FONSECA, L.^{DA}

RUA DA PRATA, 257, 1.^ª - LISBOA
(PORTUGAL)

AVENÇA

Exm^o. Snr
Dr. Antonio Fragozo

Ois
OVAR
fradia



Carmo Typ. Odestej

figura 14

carimbo manual. A Fig. 14 mostra-nos um impresso desta segunda categoria.

Em 1940, o decreto N.º 30.819, de 22 de Outubro, criou, em Portugal, o chamado serviço de **Resposta sem franquia (RSF)**. O at.º 2.º do decreto diz-nos que este serviço «**só é extensivo aos objectos-resposta respeitantes às seguintes categorias de correspondência: cartas, bilhetes postais e impressos**». Vemos na Fig. 15 o endereço duma carta-resposta, emitida pelo nosso familiar JORNAL FILATÉLICO, em 1961. E são tão minuciosas as indicações regulamentares que se lêem no endereço (e entre elas avulta a característica **marca T**) que vem se dispensa aqui mais longa descrição (14).

Estas duas marcas, a AVENÇA e a RSF, são verdadeiros selos fixos, essencialmente idênticos aos selos postais portugueses anteriores a 1853. O primeiro é um selo de franquia ou porte pago, o segundo é um selo de porte a para. Mas apesar disso, porque eles se criaram pela devida força da lei, porque sempre se imprimem e circulam sob a imediata fiscalização da mesma lei, e porque

figura 15

afinal desempenham na vida a mesmíssima função, não há dúvida nenhuma de que tais espécies entram, sem favor, no quadro geral dos selos de Correio. A filatelia oficial é que ainda se não resolveu, por careência de lógica, a mencioná-los nas alíneas do seu programa.

É também com certa relutância, embora muito mais atenuada, que a mesma filatelia oficial considera a moderna **franquia mecânica**, de que nos vamos finalmente ocupar (15).

Como o seu nome indica, a franquia mecânica é um selo de porte pago, aposto à máquina. Mas essa máquina impressora é a moderna **máquina de franquiar**, que de certo modo nos lembra a caixa registadora dos

(14) A letra T, que por si só constitui esta marca, é a inicial da palavra portuguesa taxa e de vocábulos equivalentes noutras línguas. A marca, habitualmente impressa por meio de carimbo manual, é de uso internacional e tem por fim assinalar que há uma taxa ou porte a pagar pelo destinatário da correspondência.

(15) No seu Manual du philatéliste, de 1948, o Dr. Edmond Locard, de Paris, consagrou 35 linhas à franquia mecânica. Para a época, já não foi nada mau...



estabelecimentos comerciais; e a impressão do selo faz-se directamente no endereço das correspondências. Trata-se, portanto, de mais um tipo de selo fixo. ⁽¹⁶⁾

Mas há duas características funcionais que melhor definem a franquia mecânica. Em primeiro lugar, a máquina funciona em casa do seu titular ou utente, geralmente uma grande empresa, e é manejada pelo referido utente. Em segundo lugar, e como se pode ver em qualquer das espécies adiante reproduzidas, a marca obtida ostenta, não só a taxa e o nome do país, mas também a própria marca do dia duma estação de correio.

Pelo que fica dito, já nós podemos compreender quais foram os objectivos deste novo selo postal que é a franquia mecânica. Pretendeu-se abreviar o serviço dos funcionários do Correio, pela transferência, para o próprio utente, daquela tarefa do manipulador postal que consiste em apor a marca do dia no endereço das correspondências. E de igual modo se quis abreviar o trabalho daqueles utentes que têm de expedir, diariamente, grande volume de correspondência: na verdade, é muito mais cómodo e rápido selar mecânicamente as cartas do que nelas colar os selos adesivos.

A máquina de franquiar, embora se conserve em poder duma entidade particular, funciona sempre sob a ime-

diata fiscalização da autoridade postal. Essa autoridade tem nas suas mãos a respectiva chave, e carrega a máquina para determinada importância, dez mil escudos, por exemplo. Uma vez esgotada a verba, a máquina deixa de funcionar e tem de voltar ao Correio para nova carga.

Não nos alonguemos em mais pormenores, que são aqui escusados. Mas acrescentemos alguns dados que nos importa conhecer.

Foi pelo decreto 37.279, de 14 de Janeiro de 1949, que se criou no nosso país o sistema de franquia mecânica. Existem actualmente em Portugal Continental sete tipos diferentes de máquinas de franquiar. Enfim, e como se vê nas Figs. 16 a 18, cada franquia mecânica portuguesa ostenta, além dos elementos essenciais já citados, dois números de identificação: o primeiro, em algarismos romanos, mostra-nos o tipo da máquina; o segundo, em algarismos árabes, diz-nos qual é, dentro de cada tipo, o número de ordem ou de «emissão» de cada máquina.

⁽¹⁶⁾ A máquina de franquiar pode também fornecer etiquetas móveis, destinadas sobretudo às correspondências que se não podem meter à máquina. Tais etiquetas são, portanto, selos fixos mobilizados, se me permitem a expressão.

figura 16





Figura 11

Eis aqui os tipos das máquinas portuguesas actualmente em serviço, bem como a data da licença do primeiro exemplar de cada um dos tipos:

II — Postália	27/5/1950
III — Universal, Mod. Multi-Value	4/8/1950
VII — Francotyp, Mod. Cc.	16/4/1951
VI — Francotyp, Mod. Cm.	18/6/1951
I — Hasler F-88	25/7/1951
IX — Universal, Mod. Auto-max	1/4/1961
X — Satas, Mod. Federal	1/5/1962

Como se verifica, os indicativos romanos não correspondem à ordem cronológica da entrada em serviço dos respectivos tipos.

Para concluir, vejamos agora alguns exemplos de franquias mecânicas.

A fig. 16 mostra-nos o selo forne-

cido pelo primeiro exemplar do primeiro tipo usado no Continente, isto é, do tipo **Postália**, portanto com os números de identificação **II-001**. Entre o círculo indicativo da taxa, à direita, e a marca do dia, à esquerda, vê-se, num rectângulo, o nome e o endereço do titular da máquina. Observe-se que o selo reproduzido tem a data de 9/6/50, quer dizer, de poucos dias após a «emissão» ou data da licença.

Na Fig. 17, uma impressão da franquia **VII-200**, isto é do exemplar N.º 200 da máquina Francotyp, Cc.. O espaço entre os dois círculos está preenchido por uma série de sete linhas de ligação onduladas. Note-se que é excepcional o emprego destas linhas. O que é habitual, em todas as máquinas é o uso de legendas e desenhos, que, no entanto, podem também faltar.

Na fig. 18 mostra-se uma impressão do exemplar N.º 3 da máquina **Hasler F-88**, portanto com o indica-

Figura 18





Figura 19

tivo I-003. Repare-se na aproximação dos dois círculos, e na colocação dos números de identificação, diferente da que vimos nos dois tipos anteriores. Na extremidade esquerda da marca, há um belo desenho do Castelo de Guimarães, enquadrado pelo nome e residência do titular da máquina.

E finalmente duas curiosas franquias mecânicas «emitidas» além fronteiras, mas que nos interessam a nós, portugueses e filatelistas. Na primeira franquia, do negociante filatélico alemão Edgar Mohrmann, aparece-nos, como ilustração, o célebre «POST OFFICE» da ilha Maurícia (Fig. 19). Na segunda franquia, da Casa de Portugal em Paris, a ilustração, muito mais luminosa, é constituída por so-

berbo cacho de uvas da região du-riense, acompanhado por seu ilustre filho, o famoso vinho do Porto (Fig. 20).

Merece vinte valores esta figura 20! E como não seria possível encontrar outra chave de mais fino oiro, é com esta, e graças a esta, que se fecha, brilhantemente, este quinto capítulo...

6—DOIS ACHADOS RECENTES

Antes de terminar, é preciso referir dois achados de fresca data, susceptíveis de alterar este resumido

figura 20



esboço histórico do selo do correio.

O primeiro descobrimento foi o do chamado **selo de Spital**, pequena cidade da região de Coríntia, na zona meridional da Áustria. O achado verificou-se em 1938, justamente no ano da incorporação da República Austríaca no grande **Reich** alemão. Ao arrumar livros e outros papéis herdados de sua família, a senhora Gmeiner encontrou, entre as páginas do velho livro de orações, uma carta com a data interior de 20 de Fevereiro de 1839. Ao alto do endereço da carta, vêem-se os carimbos «SPITAL/20 FEB.» e «FRANCO»; e no quadrante inferior direito vê-se colada uma etiqueta rectangular, que nos mostra ao centro, como principal inscrição, o algarismo «1» de grande formato. Em 1952, uma numerosa comissão de peritos, sob a presidência de douto professor da Universidade de Graz, assinou, sem hesitação e sem qualquer discrepância, a declaração de autenticidade da carta e da respectiva etiqueta. Quer dizer, o mais antigo selo postal adesivo já não seria o «**penny black**» de 1840, mas sim o selo de Spital de 1839.

Tudo está muito bem. Mas — pergunta o Dr. Oliveira Marques — que é do exemplar ou exemplares de comparação, por onde se pudesse realmente demonstrar aquela autenticidade? E onde o texto legislativo que nos informasse da criação deste selo, que então seria o decano dos selos da sua estirpe?

O segundo achado, mais recente, diz respeito a dois carimbos italianos,

análogos ao **Bishop's stamp** de 1661. Um deles foi usado em Milão em 1459, o outro foi aposto numa carta de 1519, endereçada a Leonardo de Vinci. Neste segundo exemplar, o carimbo tem a legenda «**POSTA CECA**», mas ninguém sabe, nem muito nem pouco, qual seja a significação desta segunda palavra da legenda.

Foi em Gustav Schenk que eu li a notícia do sensacional descobrimento destes selos fixos italianos. Mas, a seu respeito, também se não conhece, por enquanto, já não digo um texto legislativo, mas ao menos alguma referência mais ou menos coeva e digna de fé. Observe-se que o mais antigo destes dois carimbos se teria usado justamente nas vésperas da organização, na Europa, do primeiro serviço de correios.

A confirmação do achado de Spital em muito pouco modificaria, do ponto de vista cronológico (mais ano, menos ano...), a história do selo de correio. Mas, se se viesse a documentar suficientemente a história dos carimbos italianos, não só teríamos o substancial recuo de dois séculos, mas também veríamos firmar-se, no lugar de primeiro tipo do quadro, em vez do inteiro postal, o nosso modesto carimbo ou selo fixo.

E o célebre correio-mor Henry Bishop perderia assim o título de Pai do selo fixo...

E o título desta palestra se mudaria para «**Mais de meio milénio de selos de correio**»...

(CONTINUA)



NUMA dessas tantas reuniões a que assisti, tive oportunidade de travar relações com um filatelista, com quem troquei impressões acerca de certos detalhes com a nossa mútua afeição: os selos do correio.

Após uns minutos de amena conversa, convidou-me para ir um dia a sua casa, para que a conversa agora iniciada fosse um tanto ou quanto mais longa, e na presença da sua colecção, mais algumas considerações se pudessem fazer.

Aceitei com prazer, e, alguns dias mais tarde fui a sua casa, e, comodamente instalado num sofá, comecei folheando os seus albuns, e diante

noutro sofá adoptava as mais variadas posições, como se, fazendo assim pudesse compreender melhor tudo quanto dizíamos.

Quando, depois dos cumprimentos do ritual, me preparava para sair, como um bôlide, entrou o Jorge e anelante disse-me:

— Sabe, senhor?... Eu também coleciono selos... E sem outro comentário deitou a mão ao bolso e, de entre um conjunto bizarro de vários objectos que tirou dele, eu vi bolinhas, parafusos, rodas, pedras, berlindes, e alguns selos, todos enrugados e semi-destruídos, que começou a alisar afanosamente sobre a mesa.

Após alguns instantes de labor,

AS CRIANÇAS

bibLIA E A FILATELIA

dos meus olhos passaram verdadeiras jóias, esses papelinhos a que chamam selos, e que para nós, os colecionadores são a nossa fascinação.

Enquanto via a colecção do meu novo amigo, um seu filho de nome Jorge, um jovem de oito ou nove anos, que não dissera uma palavra durante todo esse tempo, limitou-se a contemplar os selos e ouvir atentamente tudo quanto dizíamos.

Quando acabamos de rever a colecção, fizemos uma série de comentários sobre a mesma, seu conteúdo, a forma da sua apresentação, etc., comentários esses que foram escutados atentamente pelo Jorge, que

e crendo que estes estavam apresentáveis, disse-me:

— Vê?!... Este é da China... Olhe, este é do Japão — e continuou: estes consegui-os em troca por um da Argentina.

Ah! E veja este outro, é da Austrália.

Finalmente quando lhe pareceu que eu havia assimilado tudo o que me dissera, perguntou:

Que lhe parece a minha colecção?

Esta pergunta trocou o curso dos meus pensamentos, e quase distraidamente respondi:

— Oh! Muito bonita, muito bonita... Onde arranjustes estes selos?

— Alguns deu-mos o papá — respondeu — outros troquei-os com os meus amigos na escola. Há muitos rapazes na escola que juntam selos... Sabe?

Claro que sabia, e também sabia que assim não se colecionam selos, mas achei desnecessário dizer-lho. E em troca perguntei:

— E todos os amigos da tua escola fazem como tu?

— Sim, quase todos. Mas há outros que colam os selos num caderno ou num livro como faz o papá. E, sem outros comentários, tão bruscamente como havia começado, a nossa conversação terminou com um:

— Até breve, eu vou jogar. E Jorge, de uma só vez, reuniu a sua «coleção» de selos, meteu-a no bolso e em três passadas desapareceu.

Um breve silêncio se fez após a partida de Jorge. Seu pai e eu pensávamos decerto sobre a mesma coisa; essa singular «coleção» de selos, tão pequena, tão facilmente transportável, tão de menino.

Repentinamente voltamos à realidade. Olhámo-nos e simultaneamente, rimo-nos.

Este pequeno incidente foi o príncipio de uma grande amizade.

Escusado será dizer que a minha partida ficou sem efeito.

Nessa noite fiquei para jantar. Mais tarde, após um saboroso café, enquanto fumávamos um cigarro, a nossa conversação caiu sobre o tema: as crianças e a filatelia.

Falámos longamente sobre a conveniência de guiar a infância pelo caminho das suas inclinações. Sobre um sem número de providências que poderiam adoptar-se para não deixar na orfandade essas crianças que sentem inclinação para o coleccionismo de selos.

Creemos que as crianças por natureza se inclinam para o coleccionismo. Não importando o quê. Poderão ser bolas coloridas, ovos de pássaros, bandeiras, tampas de garrafas de cerveja, cromos, etc.. A missão dos pais está em fomentar esse gosto, mas ensinando-lhe a fazê-la com um fim didáctico, racional.

Se seu filho, por exemplo, manifesta o desejo de coleccionar selos

postais, deixe que o faça, mas encaminhe-o para que o faça correctamente. Compre-lhe um manual de filatelia e os elementos necessários para que ele alcance o seu fim.

Mas não deve parar aí a acção paterna; pelo contrário, deverá tomar todas as medidas para vigiar que o seu filho encare a sua coleção dum forma racional e instrutiva.

Para a criança recomendamos a iniciação dum coleção Temática mas não se guiando pelos canones que regem o coleccionismo de selos, aprovado pela Federação Internacional de Filatelia, pois estes são muito difíceis de cumprir, ainda que por parte dos grandes, mas buscando outras formas mais em concordância com a idade de quem há-de confeccionar a sua coleção.

Estas coleções poderiam levar-se a cabo também nas escolas, mediante a formação de núcleos filatélicos integrados por alunos que tivessem disposição para a filatelia, sob a direcção de um mestre com conhecimentos gerais desta arte.

As coleções preparadas por esses núcleos, serviriam posteriormente, para o ensinamento dos demais alunos, usando-se em cada caso, uma diferente para cada matéria, se assim se achasse conveniente.

Sabemos bem, que para o coleccionismo temático não há limites. Podem coleccionar-se selos com flores, mapas, reis, navegadores, frutos, filósofos, escritores, exemplares de fauna; entre eles, peixes, pássaros, insectos, etc.. Demais, para a criança, colleccionar selos pela imagem tem um encanto especial, e, assim poderá evitar-se-lhe a preocupação económica e mercantil, que necessariamente tem, quem collecciona à maneira clássica.

Este tipo de coleção executa-se pura e exclusivamente pelo prazer do mesmo, sem deixar, como se tinha dito antes, o fim didáctico que ela tem.

Seria missão do pai e do mestre, aqregar em cada caso, nas folhas do album, uma curta explicação dos exemplares que se encontram montados nelas. Se se tratasse dum personagem, uma pequena biografia do

mesmo; se se referisse a animais ou flores, uma explicação acerca da espécie, o género de que se trata e todos os dados de interesse geral.

Quando se tratasse de feitos históricos, uma relação sobre eles, em concordância com as exigências dos programas do estudo da matéria.

Todas estas anotações, repetimos, devem ser o mais breve possíveis, evitando que a discrição distraia a atenção do selo.

Desta maneira a criança, depois de ir aprendendo os ensinamentos rudimentares da filatelia, em nenhum momento abandonará o fim específico, o carácter filatélico da colecção, e, irá adquirindo um conjunto de conhecimentos que lhe servirão de ajuda para os seus estudos futuros.

O ensinamento da filatelia encarada debaixo deste aspecto, tem que resultar útil, pois far-se-á em forma clara, e despertará em muitos que possam apreciá-la o desejo de fazer uma própria.

Aqui sugerimos às administrações postais de todos os países, e aos nossos próprios CTT e CTTU, a emissão

de séries anuais de baixo preço, com motivos centrais verdadeiramente didácticos.

Para terminar diremos, que, a filatelia, ou melhor dito o coleccionamento de selos postais, tem para a criança um encanto especial. Demais, ensina a prática da ordem e o conhecimento do belo. Inculca-lhe o sentido da superação, já que se sente na filatelia a sua inclinação, e tratará por todos os meios superar e superar-se a si própria no desejo de alcançar o seu objectivo.

Por sua vez, os pais, evitarão que esse sentimento se transforme numa mania ou num sentimento mórbido, ajudando-as no possível, sem que elas entretanto pratiquem actos que em nada os beneficiem. Mas sobre todas as coisas não as deixem coleccionar selos como o Jorge do nosso conto, pois esse sistema, não leva a nada de útil nem prático.

Porque a filatelia, é uma arte, cuja finalidade só pode lograr-se com ordem e paciência.

EDMUNDO NUNES

bibiRIA

N. R. — Por acharmos de interesse e como comentário ao artigo em causa, transcrevemos a alínea 4) das SUGESTÕES PARA O BIÉNIO 1962/63, da Direcção da Secção Filatélica, a que presidiu Morais Calado.

...» 4) — Criar contacto com os estabelecimentos de ensino — Liceus (masculino e feminino), Escola do Magistério Primário, Escola Comercial e Industrial e Seminário.

Para isso, a Direcção, depois de estabelecer contacto com os respectivos Directores e Reitores, convidará um sócio a desempenhar as funções de Delegado da Secção e orientador dos estudantes, junto das escolas.

Elaborar-se um regulamento especial para o fim em vista...»

Os produtos cerâmicos das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos**, são ensaiados trimestralmente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim se afirma o escrúpulo do seu fabrico que garante a qualidade dos seus produtos.

A Medalha da TEXTÁFRICA

TAMBÉM por amável oferta tenho presente e vai engrossar o meu modesto medalheiro, uma linda peça de bronze que a TEXTÁFRICA (Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial) mandou cunhar para presentear amigos e clientes. E dizemos presentear porque das legendas nada se pode inferir quanto a outra finalidade. No anverso tão-sómente o nome da empresa comercial — «Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial» — No reverso, possivelmente, a firma comercial — «TEXTÁFRICA». Não há alusões, como se vê, a factos julgados dignos de se assinalarem ou uma data que se desejasse fixar para os vindouros, ou ainda qualquer outra circunstância que influísse na vida progressiva e triunfal da unidade mercantil que, em tão boa hora mandou elaborar uma tão bela peça, artística sobremodo.

Sejam quais forem os motivos que determinaram o aparecimento desta medalha, o certo é que, mais uma vez, escultor, fabricante, homenageado, estão de parabéns. Para ser mais correcto, nós todos estamos de parabéns porque apareceu mais uma unidade medalhística de grande valor quanto ao seu lado artístico.

A Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial (TEXTÁFRICA) endereço, neste momento, as minhas felicitações pela sua iniciativa, pondo-se a par de todas aquelas outras organizações mercantis, bancárias, seguradoras, comerciais, que nestes últimos tempos, referimo-nos ao ano de 1964 muito fértil neste sector, mandaram assinalar pelo bronze factos da sua vida e actividade mercantil. Que me lembre anotar-se as medalhas do Banco Nacional Ultramarino, Banco Borges & Irmão, Banco Pinto & Sotto Mayor, Companhia de Seguros Mutualidade, Livraria Azevedo (Porto), do Diário de Notícias e mais alguma que tivesse escapado a uma atenta observação.

O exemplar que determina esta crónica despretenciosa, segundo informação de toda a segurança, pertence àquele grupo em que a propriedade artística, isto é, a responsabilidade do que se apresenta não pertence a um só escultor e, por essa razão, não aparece assinada. Apresenta-se aqui um problema que não se põe em equação neste momento e que pode vir mais tarde a ser objecto de estudo atu-



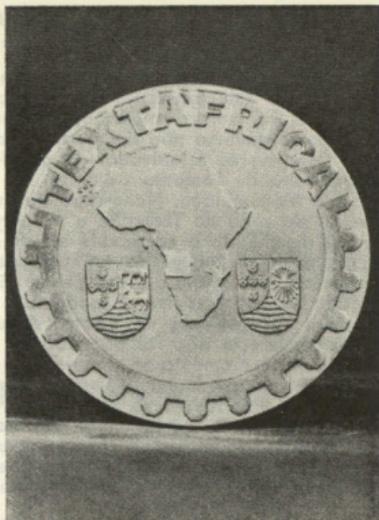
REPRODUÇÃO DO ANVERSO
DA MAGNIFICA OBRA
DE CABRAL ANTUNES

VERSO DA MEDALHA DA TEXTAFRICA

rado. Seja como for, por ora, aceita-se esta situação para que um glorioso nome não viesse cobrir, falsamente, (sem intuito ofensivo) uma mercadoria que lhe não pertence totalmente, mesmo que lhe pertença um só pormenor, embora o principal. Isto tudo são pequenas coisas que se anotam para se estabelecer uma regra de boa conduta do autor nesta crónica e para se afirmar uma orientação que a ninguém obriga por ser meramente pessoal, particularmente pessoal. Cada qual pode pensar como melhor entender, porque nesta situação de crítico de medalhas o que se pretende é boa intenção para estimular e levar os artistas a produzirem mais e melhor. Assim tenho feito desde que enveredei por este caminho, muito embora nele possa haver escolhos que espero transpor sempre com dignidade e aplauso de quem ler estas linhas, muito singelas na verdade.

Ora, e voltando à medalha que hoje se apresenta a público nesta revista, o principal pormenor do seu avverso pertence ao consagrado medalhista Cabral Antunes, de Coimbra, e já conhecido dos leitores. Este nome é já uma garantia de que se está em presença de um notável trabalho de escultura. O busto de uma figura de mulher, uma negra, é qualquer coisa de belo e de puro idealismo de um poeta. O artista teve de estudar com minúcia certos pequenos pormenores. Foi muito judiciosamente afastada aquela ideia, por vezes mesquinha, se não mórbida e degradante para colonizador, e sórdida para o Colonizado, de apresentar as figuras femininas, de negras, com traços deformantes de certos órgãos manifestamente femininos, ou a trapagem nojenta como se fosse belo exemplar de trajos regionais. Hoje, é de salientar, nas grandes e nas pequenas urbes, a mulher africana já se apresenta comedidamente vestida, e até garridamente ornamentada. Há já muitas gerações de mulheres negras que, dignamente, afastam para bem longe a ideia de uma provocação de sentidos do homem que passa ou daqueles que a procuram.

Cabral Antunes, como escultor, não exitou um só momento quanto ao caminho a seguir. Apresenta um busto de mulher negra e a esboçarem-se muito levemente, os ornatos femininos de mulher e de mãe, e pelos ombros um manto, embora não seja o manto diáfano da fantasia. Sobre o colo desta figura feminina que inspira viva simpatia vê-se uma série de colares, desde os que podem ser usados pela mais bela dama europeia até às anilhas da mais respeitável matrona do continente africano. O cabelo crespo, todo ele penteado em trançados característicos e ornado por fios de missanga e outros objectos metálicos de uso indígena, forma um belo conjunto que valoriza a obra escultórica. As



pelo

DR. ARNALDO BRAZÃO

feições da raça negra não estão exageradamente assentuadas. Embora se notem os lábios grossos e o nariz achatado, a doce expressão do seu olhar determina uma viva simpatia por tal cultura. Ela bem merece esta consagração que Cabral Antunes soube interpretar de maneira superior.

Todo este pormenor que se acaba de salientar, o principal da medalha, pertence ao artista coimbrão, e pena é que não pudesse levar o seu nome, pois neste anverso não lhe pertence a legenda como fui informado.

O reverso é indicador da actividade comercial da TEXTÁFRICA (Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial) ser exercida em África, possivelmente em Angola e Moçambique. No campo da medalha, circundado na parte inferior pelos dentes da roda do Trabalho e na parte superior pelo nome TEXTÁFRICA, encontra-se desenhado o continente africano onde se salientam as províncias ultramarinas portuguesas, sendo ladeado pelos braços de armas das duas maiores províncias — Angola e Moçambique. Esta face da medalha não pertence a Cabral Antunes, embora a tivesse modelado. Chama-se, contudo, a atenção dos leitores para a circunstância de Cabral Antunes ter intervindo em ambas as faces da medalha e esta não foi assinada.

Neste momento se desconhece qual seja a actividade mercantil desta unidade económica do nosso império ultramarino, mas recorrendo às legendas e interpretando-as, tudo leva a crer tratar-se de actividade fabril especialmente dedicada à fição e tecelagem, e usando o algodão como sua principal fibra, tão abundante naqueles dois territórios africanos.

Seja como for, estamos em presença de uma unidade económica de rasgada iniciativa e de modernas concepções de propaganda, aproveitando o bronze para assinalar um facto e a recordar circunstâncias dignas de perdurar através dos tempos. O exemplo da Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial merece ser devidamente apreciado, seguido e adoptado por tantas outras suas congéneres, de actividades agrícola, industrial, comercial, bancária, seguradora e de transportes, e isto só para anotar aquelas actividades de maior projecção na vida económica nacional.

Noutros tempos, ouvi dizer que as Musas não fazem mal aos doutores; hoje, com toda a segurança pode afirmar-se que as Belas Artes amenizam a aridez da vida e reconfortam o espirito do trabalhador seja ele manual, intelectual ou homem de negócios.

A medalha da TEXTÁFRICA foi cunhada nas oficinas da Topázio (Porto), o que é a garantia da sua boa execução e da sua valorização como obra de arte que é.

Grato se fica pela oportunidade destas considerações.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Rações **BEIMAR** *

...não são apenas de subsistência
A sua QUALIDADE cria RENDIMENTO

* BEIMAR : marca registada desde 1947.

O X Dia do Selo

E O

2.º Aniversário

DE

Selos & Moedas

UMA vez mais e seguindo uma tradição que assenta já em bases sólidas, a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos deu corpo a uma notável jornada filatélica, comemorando condignamente o X Dia do Selo e, paralelamente, o 2.º aniversário da revista «Selos & Moedas».

Com enorme satisfação registamos o facto como filatelista e associado desta já prestigiosa organização filatélica; e esta satisfação deriva do facto de, ao contrário do que pensavam e desejavam muito boas pessoas e filatelistas de eleição, a revista seguir a sua rota e entrar no 3.º ano. Com isso, todos nós, filatelistas sinceros, nos devemos congratular. E é esta, felizmente, a posição da maioria, quer vivam no norte ou no sul do território lusitano, que não têm faltado com palavras de estímulo, de incitamento e de total aprovação à orientação seguida.

Revista filatélica cem por cento — não pretende ser outra coisa. Revista aberta a todos os filatelistas que queiram colaborar, realizar obra construtiva; janela aberta para o mundo lusiada, repositório das actividades filatélicas nacionais, guia e conselheira daqueles

que se iniciam na arte do colleccionamento de Selos e Moedas. Viva, attraente, saltitante, a revista seguirá o seu caminho, cumprirá a sua missão, sem a falsear. Para isso foi fundada e a sua juventude será a garantia da sua continuidade aose rviço de uma grande causa.

... E assim entra no seu terceiro ano de vida.

Quem alguma vez andou ligado a actividades culturais, recreativas, filatélicas, etc., sabe bem o somatório de trabalho que representa não só manter mas desenvolver e alargar a esfera de acção com novas iniciativas — tal o caso da Secção Filatélica dos Galitos.

Neste momento eufórico desejamos salientar dois nomes, sem desdouro, evidentemente, para os restantes membros directivos da Secção: o Engenheiro Paulo Seabra, seu activo presidente e o dinâmico tesoureiro José Henriques dos Santos.

A SESSÃO COMEMORATIVA

No Salão Nobre do Grémio do Comércio, literalmente cheio, teve lugar a sessão comemorativa do «X Dia do Selo» e 2.º aniversário de «Selos & Moedas». Presidida pelo Snr. Governador Civil do Distrito e com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, o Presidente da Secção Filatélica, Engenheiro Paulo Seabra, pôs em foco os objectivos fundamentais das comemorações a levar a efeito no âmbito do Dia do Selo — e de que Aveiro tem sido dos primeiros arautos — agradecendo a presença das entidades representativas ali presentes. Saliентou a decisão da Secção em homenagear dois dos seus associados — Dr. Jorge de Melo Vieira e José Morais Calado. Pela acção desenvolvida e em reconhecimento da sua actividade em prol da Secção e da filatelia ser-lhes-ia conferido o diploma de Sócios de Mérito.

Fez também a apresentação do Dr. António de Almeida Figueiredo, filatelista distinto, que fora convidado especialmente para proferir uma palestra sobre filatelia... (vidé pág. n.º 55).

Durante largo espaço de tempo a assistência ouviu, deliciada, os conceitos expendidos pelo orador, pondo os vários aspectos versados em linguagem chã, facilmente compreendida pelos profanos, o que torna a filatelia realmente aliciante. A alguém ouvimos dizer: sempre ouvia, com aversão, falar em filatelia. Mas quase me sinto atraído para ela».

Significa isto que o orador, com sua vasta cultura, não esgrimiu com figuras de retórica mas nos deu uma imagem viva, aliciante, do que é a filatelia e do que representa no mundo de hoje; não um simples passatempo, uma mania, mas uma arte e uma ciência que tem uma incontestável legião de cultores.

por J. C A M P E L O

Por fim e para remate da Sessão, o Engenheiro Paulo Seabra leu os vários considerandos que justificavam a atribuição dos Diplomas de Mérito aos associados já citados que, sensibilizados, agradeceram.

Quem tem seguido de perto a acção da Secção Filatélica sabe perfeitamente qual a acção desenvolvida pelos homenageados, nomeadamente, em prol da Secção e da filatelia aveirense, com reflexos sensíveis na filatelia nacional, tão pobre de valores autênticos. A esta nobre tarefa se têm dedicado de alma e coração, com entusiasmos juvenil, com uma vontade férrea; fazer filatelia, congregar boas vontades, propagar a boa doutrina, conquistar novos adeptos — tem sido esta uma das facetas da actividade filatélica desenvolvida pelos homenageados do dia e de quem há muito que esperar ainda neste domínio. Bom será que saibamos inspirar-nos nestes magníficos exemplos de entusiasmo e forte querer.

No final, e como vem sendo hábito, foram distribuídas lembranças aos jovens: sobrescritos comemorativos e material filatélico. Assim se conquistam novos recrutas para a filatelia e não dos menos entusiastas.



Um aspecto da sessão solene no Grémio do Comércio

A EXPOSIÇÃO FILATELICA INTERSÓCIOS

Não há dúvida que, para uma Exposição comemorativa do «X Dia do Selo, como foi o caso, esta manifestação filatélica constituiu, na realidade, uma jornada notável; pelo número de participações expostas e, sobretudo, pelo material apresentado por muitos dos expositores, no magnífico salão nobre do Teatro Aveirense, pode dizer-se que a expectativa foi largamente excedida. No ano transacto, na II Exposição, o número de participantes foi de 32; desta vez foi de meia centena e houve que ratear espaço, limitando algumas participações.

Acontecimento notável, dizíamos, e não há exagero na afirmação porque temos visto Exposições de carácter regional de nível muito mais modesto quer no número quer na qualidade das participações. Os visitantes, em número elevado, deliciavam-se na apreciação do material exposto e os entendidos na matéria puderam apreciar belos conjuntos, estudos mais ou menos desenvolvidos consoante o espaço atribuído — e, principalmente, avaliar o que tais manifestações representam como propaganda e valorização do meio onde têm lugar.

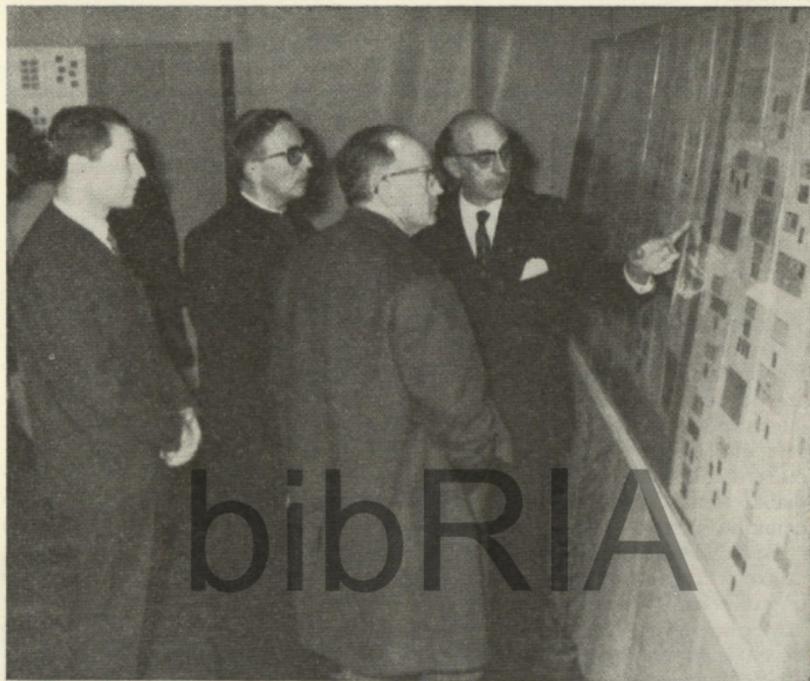
Depois da sessão solene as autoridades, dirigentes e associados da Secção e todas as demais pessoas que a ela assistiram dirigiram-se para o Teatro Aveirense onde, no salão nobre, seria inaugurada a Exposição o que foi feito pelo Snr. Governador Civil. Durante largo tempo foram as colecções expostas apreciadas uma a uma, detalhadamente, dando o Snr. Engenheiro Paulo Seabra explicações acerca do variado e rico material apresentado.

Há que pôr em destaque, por ser de inteira justiça, as duas colecções aveirenses galardoadas na «Philatec», em Paris, dos Engenheiro Paulo Seabra (clássicos portugueses) e Carlos Leitão (colecção especializada de Timor) e, além destes, outros distintos filatelistas, também associados da Secção que, felizmente, marcam sempre honrosa presença nestas manifestações filatélicas, embora vindos de longe. Queremos referir-nos à brilhante embaixada lisboeta da qual faziam parte: D. Maria da Conceição Hernandez, Capitão Sidónio Pais, Dr. Jorge de Melo Vieira, Miguel Pimentel Saraiva, Edmundo Nunes... os quais, com a sua presença e suas magníficas participações muito contribuíram para o brilho desta jornada filatélica, a terceira e também, a mais notável.

De salientar a temática de barcos, desta vez em pré-filatélicos, o que valoriza imenso aquele já de si invulgar conjunto da D. Maria Hernandez; as provas, erros e specimens do Capitão Sidónio Pais outro conjunto fora de série como magnífica foi também a amostra dos clássicos de França do Dr. Romano Caldeira Câmara que nos dá bem

Além de materiais para construção, produzem ainda as
FÁBRICAS JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS,
louça sanitária, doméstica e decorativa, branca e de cor, em grés
fino (quase porcelana)

Sua Ex.^a o sr. Governador Civil e Sua Ex.^a Rev.^{ma} o sr. Bispo de Aveiro, admirando a Exposição, e seguindo atentamente as explicações dadas pelo nosso colaborador e amigo, sr. Dr. Jorge de Melo Vieira



a ideia de um conjunto extraordinário meticulosamente estudado; Aníbal Barbosa com uma amostra da sua colecção de Angola; Américo Pereira, de Moscavide, com um interessante estudo com chapas e obras respeitantes a selos portugueses, um trabalho que não conhecíamos mas que reputamos de muita valia e interesse para os estudiosos.

Uma jovem lisboeta — Ana Maria S. Freitas — apresentou uma curiosa temática de cavalos que, por certo, continuará a valorizar; Dr. Jorge Vieira com uma França escalonada por épocas, mostrando-nos o desenvolvimento dos Correios, o Império, etc. em interessante organização; a Índia, de Félix da Costa Ilha (Alcoentre), a prestigiosa Academia de Santo Amaro com materiais de sua edição e Edmundo Nunes, com inteiros postais e selecção de carimbos mecânicos que gostaríamos de ver em subscritos inteiros e não recortados.

De vários pontos do país vieram filatelistas marcar presença em

Aveiro numa bela demonstração de unidade e amizade. Congratulemo-nos com isso e façamos com que o próximo «X Dia do Selo» — mas com a emissão de um selo — seja uma jornada ainda mais brilhante e frutuosa.

De Aveiro, como se compreende, a maioria dos expositores: Túlía Morais Calado que apresentou o tema «Aveiro e a filatelia» com grande desenvolvimento, correspondendo assim à sugestão do Clube dos Galitos que, para o efeito, havia instituído um prêmio especial; muitos veteranos, muitos jòvens também, todos contribuíram para o brilho da Exposição. Uma referência justa à esplêndida temática de astronáutica de Vitor Falcão que, por certo, continuará a desenvolver este tema aliciente.

Também a numismática esteve representada e bem, com participações do Dr. Arnaldo Brazão, Jaime Mourisca Simões, José Laranjeira Marques, José Matias e Manuel da Silva Félix.

Não é nossa intenção dar uma notícia detalhada acerca da Exposição, mas tão sòmente destacar uma tantas colecções que, na realidade, têm grande valor filatélico. O próprio facto de tratar-se de uma Exposição intersócios e sem carácter competitivo, dá-lhe maior valor até porque a intenção era a de comparecer, marcar presença, sem qualquer espécie de complexos; nós temos o dever de exigir que os filatelistas, seja qual for a sua categoria (em valor filatélico, já se vê) não se eximam a tais manifestações, nem se isolem, fazendo filatelia para si próprios. Assim, tal como vimos em Aveiro, é que está bem — este é o caminho justo. Colecções avançadas, colecções médias e, a fazer-lhes companhia — boa e salutar companhia — as colecções mais modestas dos principiantes. Assim se amparam e estimulam os jòvens, assim se dá uma magnífica lição de unidade sobretudo àqueles que têm horror ao desnível das participações em qualquer exposição — seja ou não de carácter competitivo.

Não estamos de acordo... Queremos muitas e muitas Exposições de divulgação — porque são estas que simbolizam o espírito são que deve caracterizar a filatelia. Porta aberta a todos que queiram marcar presença com verdadeiro espírito de unidade e amizade.

Com prazer registamos o facto, deveras consolador, de vermos filatelistas prestigiosos a participarem nestas Exposições de divulgação e até a deslocarem-se para, pessoalmente, confraternizarem.

Lição salutar, exemplo que todos gostaríamos de ver repetido com frequência.

Este é, a nosso ver, o principal aspecto positivo que esta grande jornada filatélica de Aveiro proporcionou.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.da

possui em AGADIR, MARROCOS, uma moderna fábrica de CONSERVAS E FARINHA DE PEIXE

O JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Unidade, amizade, confraternização... tal foi o remate condigno da festa filatélica do dia 1 de Dezembro. Sessenta convivas, sendo 21 senhoras, participaram neste jantar em convívio fraterno que a todos deixou as mais gratas recordações, assumindo a Presidência o Snr. Dr. José Tavares, ilustre Presidente da Assembleia Geral do Clube dos Galitos e grande amigo da sua Secção Filatélica, cuja actividade tem acompanhado com o maior carinho desde a primeira hora.

Na mesa de honra, os Srs. Engenheiro Paulo Seabra, presidente da Secção, Dr. Mário Gaioso, presidente do Clube, Dr. Jorge de Melo Vieira e Snr. Morais Calado, os galardoados do dia, Dr. António Almeida Figueiredo e Snr. Carlos Leitão, director da revista «Selos & Moedas».

No final do repasto vários oradores puseram em destaque o significado das comemorações e a notável acção desenvolvida pela Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos.

De salientar a intervenção do Dr. Mário Gaioso que pôs em foco a actividade da Secção, a sua projecção e consequente prestígio que, naturalmente, se reflete no próprio Clube dos Galitos. Salientou também a acção do Snr. Morais Calado como fundador da Secção e da revista, manifestando a esperança de que voltaria a prestar o seu concurso à Secção o que, felizmente, supomos, assim virá a suceder. Também a direcção da presidência do Snr. Engenheiro Paulo Seabra foi calorosamente saudada pelo magnífico trabalho realizado e a quem se devem



Durante o grande jantar no Restaurante Galo d'Ouro

as brilhantes comemorações dos IX e X Dia do Selo, além de outras realizações de vulto.

Usaram ainda da palavra a Sr.^a D. Maria da Conceição Hernandez, Miguel Pimentel Saraiva, Drs. Jorge de Melo Vieira e Almeida Figueiredo que manifestaram a sua satisfação por se encontrarem presentes nos actos comemorativos realizados e o carinho que lhes merecia a Secção Filatélica do Galitos da qual esperavam novas iniciativas para valorização da filatelia nacional. Falou também o Sr. Morais Calado explicando a sua posição e declarando-se pronto a trabalhar a bem da Secção, da cidade e da filatelia...

Pelo Snr. Presidente da Secção foram distribuídas medalhas comemorativas aos participantes da Exposição e, também, lindas lembranças às senhoras presentes: azulejos com a inconfundível marca «Aleluia» exibindo lindos motivos.

No final, foram leiloadas algumas valiosas peças filatélicas cujo produto reverteu para a construção da nova sede do Clube.

Que mais dizer desta jornada a todos os títulos brilhante? Qual o aspecto particular que merece ser salientado? Teria sido cumprido com êxito o programa elaborado?

Não há dúvida que os objectivos foram plenamente atingidos e justo é salientar o facto de ter sido Aveiro a cidade onde o Dia do Selo foi comemorado de forma condigna, servindo bem os interesses da filatelia nacional. Não poderá Aveiro servir de exemplo de como se deve trabalhar, fazer propaganda, valorizar a filatelia, mantendo uma actividade constante, permanente?

Estas jornadas são sempre desejáveis pelos contactos que proporcionam, pelos ensinamentos que se colhem, pelas amizades que se solidificam e expandem, pelos exemplos que surgem e perduram. Ao fim e ao cabo todo o trabalho acaba por ter a compensação necessária e, feito um exame de consciência, acabamos por constatar que vale a pena, que os sacrifícios não são vãos. E com isto o bom filatelista regozija-se.

De salientar ainda a colaboração dos C.T.T. que têm manifestado compreensão por estas iniciativas não faltando com o indispensável auxílio material, necessário e indispensável para a realização de tarefas desta natureza. O posto de Correio que funcionou no local da Exposição registou grande movimento. Os nossos parabéns, pois, pela magnífica colaboração dos C.T.T.. Ao fim e ao cabo estamos todos de parabéns: os filatelistas, os organizadores, a cidade de Aveiro e a filatelia em geral por esta magnífica jornada comemorativa do «X Dia do Selo» e da sempre jóvem revista «Selos & Moedas».

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes. A **Fábrica Aleluia** produz azulejos da melhor qualidade

X Dia do Selo *em Lisboa*

Depois de assistir às comemorações do X Dia do Selo em Aveiro, regressei a Lisboa, no dia 1 à noite, e tive oportunidade de ainda visitar a exposição realizada nesta cidade, para comemoração de X dia do selo.

A exposição foi dedicada às províncias ultramarinas de Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe.

Confessar que a exposição me desiludiu, quanto ao número de expositores, seria esquecer o que tem sido nos últimos tempos as exposições realizadas em Lisboa.

Pois apesar da exposição abranger 3 Províncias Ultramarinas, número suficiente para comparecer elevado número de expositores, estes apenas foram 8!!!

Excluídos 3, Ex.mos Srs. José Gonzalez Garcia, Dr. Joaquim Manuel Pires e Abílio Joaquim Silva, que apresentaram coisas dignas de ser examinadas, os restantes compareceram para fazer número.

Informaram-nos de que ao jantar de confraternização compareceram 30 pessoas.

Nada mais posso dizer, do que desejar que no próximo ano (XI.º dia do selo) o número de expositores seja em maior número e melhor qualidade.

por **MIGUEL PIMENTEL SARAIVA**

3.ª Exposição Filatélica Bancária

pelo DR. ROMANO C. CÂMARA



biblioteca

Organizada pelo Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa inaugurou-se no passado dia 14 de Novembro nos salões da Casa do Bancário, a 3.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA.

Vários factos chamaram-nos a atenção: Em primeiro lugar o aumento do número de expositores que passou em 3 anos de 9 para 15. Contudo nem todos os que participaram na 1.ª Exposição compareceram na 2.ª e nesta última, caso contrário teríamos 25 expositores.

Aos novos que pela primeira vez expuseram endereçamos as nossas mais calorosas saudações e fazemos votos que apareçam no próximo ano com as suas colecções mais ampliadas e melhor estruturadas. Estamos crentes que assim sucederá pois que os coleccionadores são eternos insatisfeitos sempre procurando o ideal.

Outro ponto que registamos com certa mágua, foi termos verificado a ausência, na Classe de Honra, das magníficas colecções dos senhores Duque de Palmela e Conde de Atalaia, assim como de qualquer bancário, tanto mais que estávamos convictos que este ano a classe de Honra, incluiria igualmente as participações dos participantes mais galardoados em exposições anteriores, e que pelo seu excelente nível contribuiriam para aumentar o brilho da Exposição. Referimo-nos mais especificamente às colecções dos senhores Francisco José de Araújo Rebello de Andrade, Dr. Jorge de Melo Vieira e Aníbal Barbosa, que

já ultrapassaram à muito a barreira da classe de competição e mereciam em nossa opinião serem incluídas na classe de Honra, e desta maneira a festa filatélica bancária atingiria o seu apogeu. Esperemos que a Comissão Organizadora do próximo ano envide os seus maiores esforços para que a Exposição atinja o alto nível a que estavam habituados. E se a Comissão Organizadora me permite, aqui lhe faço uma sugestão, transmitida por um bom amigo com quem me encontrei durante a visita que efectuei à Exposição e que a ser aceite, daria um notável impulso à causa filatélica bancária.

Em breves palavras sugere-se a realização não de uma mas de três exposições regionais, nas cidades do PORTO, COIMBRA e LISBOA que agrupariam os expositores do Norte, Centro e Sul do País respectivamente. Os melhores de cada zona compareceriam nesse mesmo ano ou no ano seguinte em Lisboa, e assim teríamos uma exposição cuja qualidade seria insuperável. Mas quem se abalará à coordenação de tal empreendimento? Quem estará disposto a sacrificar muitas horas, daquelas poucas que restam vaças, a tal tarefa? Se numa retrospectiva olharmos o que se tem passado verifica-se que não tem escasseado homens de boa vontade e só o receio de lhes ferirmos a modéstia é que nos impede de citar os nomes.

Das colecções apresentadas nesta 3.^a Exposição Filatélica Bancária, na classe de competição, encontrámos participações de excelente nível reveladoras já de um largo palmarés, e desejamos salientar a excelente temática do nosso bom amigo Capitão Jorge A. Freire Garcia que serviu de paradigma a todos os restantes temáticos, pois que nos deu de Paris e dos seus encantos uma visão extraordinariamente grande no campo filatélico.

Não queremos deixar de salientar a excelente participação dos Srs. Aníbal Barbosa, esta no campo clássico, onde também pontificou, pois apresentou uma impressionante colecção de erros, provas e selos clássicos impecável. Apreciámos igualmente uma interessante colecção do Sr. José Henriques dos Santos e muito embora ostentasse magníficas folhas com deslocações do selo comemorativo do B. N. U., constatamos a existência de um estudo de carimbos que achamos interessante pois revela a tendência mais evoluída no campo filatélico, estudo de carimbos, datas, etc. em relação a um dado acontecimento ou era.

Estavam presentes mais algumas colecções de selos de Portugal e Ultramar que revelavam a presença de núcleos importantes e que estamos certos, nas próximas exposições aparecerão na totalidade para regalo dos visitantes.

Na classe de Honra expôs a convite da Comissão Organizadora o Sr. José González Garcia, algumas páginas da sua colecção de Moçambique. O júri era constituído pelo presidente do Clube Filatélico de Portugal e por dois dos Subdirectores, respectivamente os Ex.^{mos} Srs. Dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho, Coronel Cardoso Salgado e Capitão Lemos da Silveira.

PEÇO A PALAVRA



(Uma nova rubrica ao serviço da filatelia)

«Peço a palavra», será a rubrica aberta a todas as críticas de interesse filatélico, isenta de «estilos», de pessoalismos» e a que a nossa «Revista» se reservará o direito de censurar — ou a aumentar, se for caso disso — na medida em que tal se venha a impôr sempre que possa ultrapassar o fim para que foi destinada. «Peço a palavra» será pois uma janela aberta para o panorama filatélico internacional e, para ela, será reservada uma folha em cada uma das nossas revistas.

Desejamos pois, que todos os nossos presos e queridos leitores interpretem, em toda a sua verdadeira aceção, a ideia que presidiu à criação de mais esta rubrica na nossa «Revista», que ficará a cargo de um dos nossos críticos que — quando achar conveniente — fará as apreciações que parecerem judiciosas, para um melhor esclarecimento dos factos que forem referidos.

E para iniciarmos esta rubrica com chave de ouro, aqui vai o primeiro...

PEÇO A PALAVRA!

Com vista aos organizadores de futuras
Exposições Filatélicas...

Em carta recente, diz-nos o Snr. Eng. Paulo Seabra Ferreira que a nossa presença nesta revista é mais um elo de ligação com o Ultramar. Pedimos licença para rectificar, mas consideramo-nos apenas insignificante parte de um elo, elo que é formado por todos os filatelistas ultramarinos e que,

conjuntamente com outros, quicá mais importantes, se integra na indestrutível cadeia que liga a Mãe-Pátria às suas Províncias Ultramarinas.

Mas, para que se mantenha firme e ainda mais se fortaleça a cadeia que há-de manter una e indivisível a Nação Portuguesa,

é necessário que todos nós, filatelistas de Angola ou de Moçambique, de Macau ou de Timor, contribuamos com a nossa quota-parte.

É, pois, um dever de todos nós, apresentarmo-nos nas exposições filatélicas que se realizam na Metrópole. (1) No entanto, temos verificado que essa presença raramente se verifica. Porquê? Não haverá em Angola ou Moçambique filatelistas com boas colecções, conscientes das suas possibilidades, e interessados em concorrer? Ninguém hesitará, estamos certos, em responder afirmativamente. A que é devido, então, tão flagrante desinteresse?

De há alguns anos a esta parte, temos tentado concorrer a diversas exposições que se realizaram em Portugal Continental (uma vez chegámos «mesmo» a participar); e, francamente, com grande mágoa o afirmamos, temo-nos saído muito mal da experiência. Vamos citar alguns casos, que connosco se passaram, absolutamente verídicos (2), evitando mencionar nomes ou datas, pois não temos o propósito de ferir susceptibilidades, mas somente pretendemos, construtivamente, apontar deficiências:

— Certa feita, inscrevemo-nos em determinada exposição; pois, foi precisamente no dia da sua inauguração, que recebemos a comunicação de que a nossa colecção havia sido aceite, em carta que também informava o número de quadros atribuídos e pedia a habitual descrição para o catálogo. O mais curioso é que esta carta veio por via aérea, e não

por barco, como pode pensar-se.

— Mas, dentre os melhores «casos» que nos sucederam, destacam-se os seguintes: mais de 15 dias depois de ter terminado importante certame, recebemos um postal informando que o mesmo havia sido adiado; em contrapartida, doutra vez, o convite para assistir à inauguração de uma exposição (a sua organização foi considerada perfeita pelos críticos!), chegou-nos às mãos antes da carta comunicando a aceitação da participação!

— Diversas vezes temos recebido brochuras de propaganda depois de terminadas as respectivas exposições, e, até uma vez recebemos os sobrescritos para o envio dos nossos selos, quando já nem pensávamos na exposição a que os mesmos se referiam.

— Finalmente, um caso de aspecto bem mais grave: participámos numa exposição em que a nossa colecção foi posta no correio mais de 2 meses depois do seu encerramento. Pobres selos, que depois deste compasso de espera, ainda tiveram que percorrer por *via marítima* o caminho até Moçambique!

Quais as soluções, então, para este problema, qual seja o da apresentação em grande força dos coleccionadores ultramarinos em Portugal Continental? Elas são, afinal, tão simples, tão comezinhãs e evidentes que relutamos em indicá-las:

a) Anunciar e organizar as exposições com a necessária antecedência; dizer-se que tal ou qual certame concretizou-se em poucas semanas, não nos parece motivo

de ufania, mas sim sinal de improvisação;

b) Dedicar especial atenção aos colecionadores ultramarinos interessados, não esquecendo que estes não têm acesso (pelo menos imediato) à informação dos jornais diários locais, que publicam noticiário filatélico;

c) Todos os assuntos terão que ser tratados por via aérea; deixar que as correspondências, circulares, folhetos de propaganda, etc., sejam despachados por quem, rotineiramente, não sabe discernir quando há necessidade de utilizar aquela via, é um erro grave;

d) Nomear comissários nas Províncias Ultramarinas, encarregando os clubes filatélicos locais da necessária propaganda, com a possível antecedência.

De contrário, em vez de exposições filatélicas que patenteiem o indiscutível progresso da Filatelia portuguesa, continuaremos a assistir a reuniões de coleciona-

dores amigos e conhecidos, sempre os mesmos, a quem são atribuídas as medalhas que desejam. E para se evitar amargos comentários e desilusões, achamos preferível que, expressamente, os regulamentos não admitam participações do Ultramar.

Anunciar e organizar uma exposição filatélica em um ou dois meses, esperando a comparência de colecionadores de Angola ou Moçambique (para não falar de Macau, por exemplo, onde a Filatelia está bastante desenvolvida) é simplesmente ridículo!

(¹) Não nos estamos a referir, como é óbvio, às exposições de carácter local.

(²) Que podem facilmente ser documentados, pois conservamos as correspondências trocadas, com os respectivos sobrescritos intactos. Esclarecemos que, em nenhum dos casos apontados, houve atrasos motivados pelos correios.

JORGE LUIS P. FERNANDES

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Rações **BEIMAR** *

Repare que *ração* sugere o uso *racional* de alimentos.
Os seus animais precisam que raciocine por eles...

BEIMAR * : marca registada desde 1947

O nosso a p e l o

PARECE-NOS que o apelo que há dois números se vem fazendo nesta secção, começa a tocar bem fundo nos corações e nas consciências dos nossos sócios filatelistas e numismatas.

E temos a certeza que às dádivas generosas de Lisboa, Benguela, Senhora da Hora, Aveiro e mais últimamente, da própria província de Cabo Verde, se vão juntar as ofertas sensacionais de outros pontos do nosso grande Portugal, ofertas essas que servirão de base ao muito que é preciso para que o «GALITOS» e AVEIRO vejam surgir aquela peça necessária e imprescindível para a sua «Colecção» — A NOVA SEDE.

Sem querermos ofender a modéstia dos nossos sócios ofertantes, aqui deixamos a relação dos seus nomes a que nos permitimos acrescentar o da Secção:

- Miguel Pimentel Saraiva
- Júlio Pereira Fazenda
- João Campêlo
- Amadeu de Sousa
- João de Deus Lopes da Silva (2 ofertas)
- Secção Filatélica e Numismática do Galitos

Uma « Raridade » Filatélica !...

por N. SALEMA

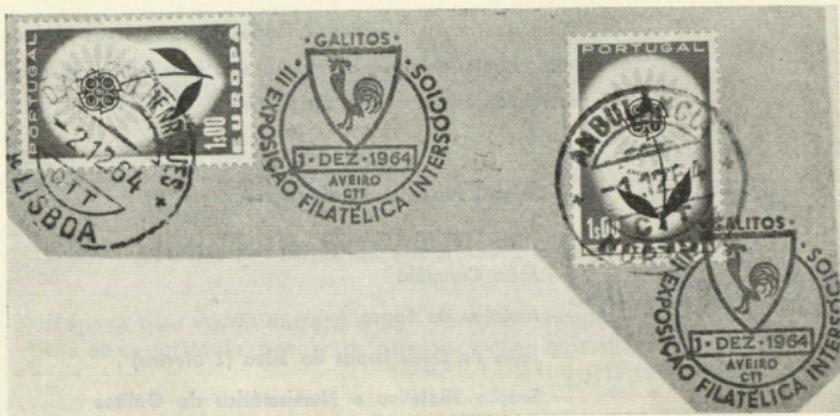
No passado dia 1 de Dezembro, fiz expedir para um amigo, residente na Capital (nas imediações da Avenida Almirante Reis), uma carta, directamente do Posto dos Correios que — desde o dia 1 ao dia 8 de Dezembro p.p. — funcionou no Teatro Aveirense, nesta Cidade, por ocasião da III Exposição Filatélica que o nosso Clube levou a efeito, nesse lapso de tempo.

Por se tratar, além do mais, de um filatelista, em cujo album certamente teria lugar o envelope que lhe endereeii, tive o cuidado (desnecessário, pois que a empregada encarregada do referido Posto era absolutamente cons-

cia da missão de que fora incumbida) de pedir uma obliteração visível, com o carimbo que os C. T. T. mandaram confeccionar para ser aposto na correspondência que, no dia 1 de Dezembro, fosse apresentada no referido Posto.

Até aí, tudo correu normalmente!

Sucedeu porém que, volvidos dias, numa saltada a Lisboa e, em conversa com esse meu Amigo, o mesmo me mostrou o sobrescrito que eu lhe remetera nas condições referidas e que lhe chegou às mãos, tal como o documenta a figura aqui inserta.



Espanto?! Porque não confessá-lo?!

Mas, afinal, o que se teria passado?

ANALISANDO: sobre o selo, já obliterado, com o carimbo comemorativo, foi aposto novo carimbo, com a mesma data, numa «Ambulância» Norte e, na Estação de D. Afonso Henriques (porquê aí?), em Lisboa, talvez até com a intenção louvável (!) de transformar uma peça filatélica vulgar numa raridade (!?), regista-se a aposição de um selo de 1\$00 (que o meu amigo pagou) e novo carimbo, desta feita, com data do dia 2/XII/64

Nesta mesma Revista, no seu n.º 2, o nosso presado consócio, Senhor J. Campêlo, referiu-se — com a oportunidade e acuidade que, o caracterizam — às anomalias verificadas nas obliterações postais e findou as suas considerações, augurando por conclusões visíveis e benéficas, como corolário do trabalho de uma das repartições postais dos CTT, cuja fi-

nalidade (?) seria a de zelar (!) pelos interesses dos filatelistas. Tendo em atenção que, essa referida repartição postal, estava trabalhando activamente (Guia oficial dos CTT, n.º 116, de Março de 1951) no sentido de fazer interferir de maneira decisiva na orientação e fiscalização de marcação das correspondências, os chefes directos dos que as executam, será que — pergunto — desde 1951, ainda não teria sido impossível fazer chegar a todos quantos «marcam» correspondência, essas normas de trabalho — racionais, eficientes e desejadas — com que todos os filatelista sonham?

Sim, porque além da «raridade» — e como tal, felizmente, facto esporádico — a que me refiro, continuamos infelizmente a deparar a todo o momento com dizeres de ordem variá sobre os selos e o carimbo da marca do dia, sobre o envelope

E os selos vão seguindo, invariavelmente, a caminho do cesto dos papéis



Para as suas transacções bancárias, para os seus depósitos, para os seus descontos e transferências, lembre-se: **BANCO REGIONAL DE AVEIRO**

do ABC! da NUMISMÁTICA

5

AS MOEDAS "PRÉ-PORTUGUESAS,,

D) — *Numaria Árabe* bibRIA

*H*ISTÓRIAS de moiras encantadas! Quem as não tem ouvido? Lendas narrando a existência de fabulosos tesouros bem ocultos sob as ruínas de castelo que em tempos idos se erguia altaneiro e sobre cuja torre de menagem drapejava triunfante o estandarte do Islão! É rica, riquíssima, a memória do nosso povo, de um lendário infinito, em que a passagem e domínio árabe na Península, — os seus últimos dominadores na escalada do tempo — (os franceses de Napoleão não chegaram a fixar-se) e que durante um mais longo período sujeitaram os seus habitantes, é evocada com um sem número de pormenores, já romantizando amores infelizes de cristãos e moiras, já traduzindo feitos épicos de lutas entre cavaleiros da Cruz de Cristo e do Crescente, agora revelando um lugar onde uma desditosa princesa sarracena jaz encantada esperando que um garboso príncipe venha pronunciar aquelas palavras que a hão-de restituir à vida, logo revelando a existência de tesouro escondido que tornaria fabulosamente rico o seu descobridor se... a sua descoberta não trouxesse consigo calamidades tais (os mouros eram muito vingativos) que possui-los só traria desgraças para o seu possuidor.

Da presença árabe no território português resta muito na memória fantástica do nosso povo e muito pouco em monumentos arquitectónicos, obras de arte ou composições literárias.

pelo DR. RAUL GONÇALVES

Poderemos, porventura, dizer com alguma propriedade, que dos oito séculos que na Península permaneceram, ficou bastante viva a sua presença espiritual, sendo comparada com ela, muito pequena a sua presença física.

Rara é a povoação, grande ou pequena, onde a recordação dos árabes não esteja patente na **sua cova da moura**, no **seu castelo dos mouros**, ou noutra coisa qualquer, que todos afirmam ter existido mas que ninguém sabe onde fica. A toponímia, particularmente no sul do país, onde se conservaram por mais tempo, constituirá até um certo ponto uma excepção ao que acabamos de afirmar: topónimos como Faro, Aljezur, Odeleite, Odesseixe, Almansor, Mansores, Alvaiázere, Boliqneime, etc., podem considerar-se como mantendo uma presença física das gentes de Mafona nas terras peninsulares. Mas só isso e pouco mais. Os tesouros mouriscos só existem na imaginação popular. Dos romanos, já o dissemos, com frequência surgem à luz do dia achados que por vezes atingem vários quilogramas tanto de bronze como de prata e até mesmo de ouro.

Dos suevos e visigodos, só excepcionalmente, se tem encontrado conjuntos de moedas contando-se por várias dezenas; a regra geral é o achado de espécimes isolados, não ocultados pelos seus possuidores mas certamente perdidos.

Dos árabes não temos também achados de vulto, resumindo-se, por via de regra, a exemplares solitários, em circunstâncias que mostram que não houve a intenção de ocultamento para recuperação posterior, mas tão somente a sua alienação por circunstâncias fortuitas e contra a vontade do seu possuidor.

Registaremos dois factos característicos desta numária.

O primeiro, sem nos alongarmos em considerações históricas sobre a presença árabe na península, iniciada com a primeira vinda de Tarik no ano de 710 da nossa era, a qual foi mais uma incursão de piratas do que propriamente uma tentativa de invasão, só realmente posta em prática no ano seguinte, é o que resulta de tal domínio se ter prolongado por vários séculos, o que motivou o seu governo ter sido partilhado em épocas sucessivas por várias dinastias e formas políticas diferentes, às quais corresponderam determinados tipos monetários. Um facto de ordem política, ou administrativa portanto.

O segundo tem como fundamento uma razão de ordem religiosa.

O islamismo, cuja fonte básica é o Korão, é um conjunto de doutrinas sobre a existência de Deus traduzindo-se por preceitos morais, portanto de saúde mental, regras de saúde física e leis regulando a maneira de os indivíduos viverem em sociedade, respeitando-se mutuamente.

Exalta-se o culto de Deus e condena-se o culto da personalidade; como

Figura 1

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
ARABIC	•	↑	٢	٣	٤	٥	٦	٧	٨	٩	١٠
PERSIAN	•	↑	٢	٣	٤	٥	٦	٧	٨	٩	١٠
CHINESE	〇	一	二	三	四	五	六	七	八	九	十
SIAMESE	〇	๑	๒	๓	๔	๕	๖	๗	๘	๙	๑๐
INDIAN	०	१	२	३	४	५	६	७	८	९	१०



Figura 2

factor básico desta condenação a interdição nas artes e na arquitectura da representação de figuras humanas ou zoomórficas.

A representação dos deuses pagãos da velha Helade por figuras humanas, a deificação dos imperadores romanos, a vontade de mostrar o seu poder dos reis suevos e visigodos, terão dado às suas numárias uma característica dominante: a figuração antropomórfica.

O islamismo, religião monoteísta, opondo-se ao paganismo, ao judaísmo e ao próprio cristianismo, põe acima de tudo o culto de Deus.

Isto dita uma característica especial da numária árabe depois de Maomé; só excepcionalmente estas moedas apresentam figuras humanas; caracterizam-se sim pela presença de elementos de composição buscados no reino vegetal ou simples desenhos geométricos de arte abstracta. Apresentam ainda largas legendas traduzindo louvores a Alá único Deus e a Maomé, o seu profeta.

Estavam os árabes, invasores da península, talhados para nela permanecer por longo tempo, talvez até para nela se fixarem definitivamente.

Continuadores da cultura grega que assimilaram admiravelmente, pois traduziram e comentaram a preceito as teorias de Aristóteles e Platão, vieram à península encontrar uma civilização muito mais atrasada do que a sua.

Ocupadores mas não dominadores, dotados de um espírito de tolerância muito superior àquele que certos historiadores pretendem afirmar, o cristão podia continuar a praticar a sua religião; o prisioneiro quando submisso não era escravizado.

Praticando uma política de flexibilidade, procuravam assimilar o indígena arabizando-o; o resto viria depois.

Mas não se fixaram. As lutas que travaram entre si e nas quais procuraram sempre envolver os povos locais levaram estes à revolta.

Os cristãos refugiados nas regiões montanhosas do norte da Península espreitavam sempre qualquer sinal de enfraquecimento. Fustigaram-nos dia a dia, hora a hora, durante vários séculos, sem jamais lhe darem uma hora de descanso. A luta da reconquista cristã da Península é o maior exemplo de persistência de que a História nos pode falar. Jamais se viu maior tenacidade.

Expulsos os árabes do nosso território a sua moeda continuou por cá a circular durante muito tempo. Documentos do tempo dos nossos primeiros reis mostram as equivalências das suas moedas com as moedas árabes que no país existiam e de que muitos exemplares tem chegado até aos nossos dias.

Esses exemplares deverão ser catalogados de acordo com a sua proveniência.

Assim, quando da invasão da península no século oitavo (711) pelos exércitos de Tarik, os povos que nela tomaram parte e que surgiram vindos do norte de Africa trouxeram consigo a moeda cunhada pelos Califas de Damasco a quem deviam obediência. São as chamadas moedas dos Governadores que as cunhavam em nome do Califa (711 a 755).

Num segundo período após luta travada para a conquista do poder entre várias tribos desavindas impõe-se a família dos Omíadas que cunhava moedas pelo Califado de Cordova (755-1030).

Num terceiro período temos a moeda chamada das primeiras monarquias dissidentes (1030 a 1100).

Após um novo período de luta a tribo dos Almorávidas (1100-1145) governa a península e cunha a sua moeda.

Segue-se um novo período de monarquias dissidentes, muito curto (1145-1160) para dar lugar logo de seguida ao largo período dos Almóadas (1160-1266).

Finalmente surge o sétimo e último período chamado dos reis de Granada (1231 a 1491).

Como se vê, só os quatro primeiros períodos podem com propriedade considerar-se moedas «Pré-Portuguesas». Os três últimos são coevos da monarquia portuguesa pois esta pode praticamente considerar-se fundada em 1140.

As datas limites devem ser assim consideradas: 1253, fixação definitiva das fronteiras de Portugal pela expulsão dos árabes por D. Afonso III; 1492, expulsão dos árabes da Península por Fernando e Isabel, os Reis Católicos.

A metrologia da numária árabe pode ser decalcada na da numária romana. Cunharam os árabes moedas de ouro, o **dinar**, correspondente ao auro romano; tinha o dinar dois sub-múltiplos, o **meio dinar** e **terço de dinar**. O dinar era ainda designado por **morabeti** no tempo dos almóadas.

A moeda de prata correspondente aos denários romanos, era o **diremo** que no tempo dos almorávidas era também conhecido por **quirate**.

Os quirates tinham como sub-múltiplos o **meio**, o **quarto**, o **oitavo** e o **1/16 de quirate**.

No tempo dos Almóadas, coevos dos nossos primeiros reis, e indo até ao reinado de D. Manuel I registou-se uma reforma monetária; o **dinar** foi substituído pelo **dinarin** que, talvez por demasiado pequeno, breve teria um múltiplo com duplicado valor que ficou conhecido por **dobro**. O prestígio da dobra sobreviveu na península aos seus instituidores. As numárias espanhola e portuguesa registam-se por muito tempo. Cunharam ainda os árabes moedas de cobre embora em pequena quantidade. Conhecidas sobre a designação de felús constituíam apenas um suplemento do bronze romano que por largos anos circulou em grande abundância.

A moeda foi cunhada durante muitos séculos sem nela se registar qualquer data. O uso de datar os numismas surge na segunda metade do século XVI. Em Portugal só em 1641, com D. João IV, se adoptou o critério de datar sistematicamente as moedas. Alguns engenhosos de D. Sebastião e algumas moedas cunhadas por Filipe III para a Índia, que levaram data, são excepções que só justificam a regra.

As moedas árabes também não fogem à regra; para evitar lamentáveis enganos com as datas, pois que as moedas árabes são relativas à era da Hegira e as europeias se reportam à era de Cristo damos de seguida uma fórmula simplificada para a conversão dos números da Hegira em números da Era Cristã.

A Hegira (16 de Julho de 622 da Era Cristã) é a data da fuga de Maomé, condenado à morte pelos muçulmanos de Meca.

O ano muçulmano, ano lunar, não coincide com o ano cristão, ano solar, pois é mais pequeno que este cerca de onze dias. Não basta, portanto, descontar 622 à Era de Cristo para se ter a Era da Hegira.

Com a fórmula $(H + 622) - \left(\frac{3 \times H}{100} \right) = \text{Era de Cristo}$,

em que H, representa o ano árabe, ter-se-á resolvido o problema.

representa o ano árabe, ter-se-á resolvido o problema.

Duma maneira mais simples ainda: subtrair 3% à data árabe e juntar-lhe 622 e teremos o ano cristão.

Na gravura N.º 1 damos a equivalência dos caracteres de grafia utilizados na escrita latina para representar os algarismos, com outras escritas; na segunda linha encontram-se os caracteres árabes.

Na gravura N.º 2 vão reproduzidas algumas moedas árabes; são transcritas das «Moedas Árabes» — **Inventário e Descrição** por Joaquim Figanier, edição do Museu Numismático Português.

"JÁ SABIA QUE..."

ERROS,
VARIEDADES
& C.^ª...

Nesta nova rubrica que hoje iniciamos, pretendemos levar ao conhecimento dos nossos leitores, alguns «erros» e «variedades» verificadas em selos de Portugal, de que fomos tendo conhecimento.

Sem pretenciosismos de qualquer espécie — assinalamos — iremos transmitindo tudo quanto ao nosso conhecimento for chegando, no sentido de permitir aquilatar da «qualidade» e «quantidade» dos «specimens» que possam valorizar as vossas colecções.

Outrossim, nesta mesma rubrica, serão dadas a seu tempo — e apenas como base para «trocas» entre os nossos associados — «cotações» dos referidos «erros» e «variedades», bem como — para o mesmo fim — os valores a atribuir aos selos «normais» que se apresentem em «quadras», «pares», «blocos», etc..

Assim:

1 Da série comemorativa da dupla vitória do «Sport Lisboa e Benfica» na Taça dos Clubes campeões europeus - 1963, chegamos ao conhecimento os seguintes «erros»:

— Selo de 1\$00 — TAÇA, em vez de TAÇA (conhecem-se raros exemplares usados, sobre carta ou fragmento e bastante novos);

— Selo de 4\$30 — PORTUGAL, em vez de PORTUGAL (conhecem-se alguns exemplares novos e dois únicos usados, sobre envelope).

2 Da série «TAP» - 1963, temos conhecimento de ter sido encontrada uma folha completa (100 selos) da franquia de 1\$00, na COR VERMELHA, quando a cor base é o azul.

3 Na série «Arte Indígena» - 1961, de TIMOR, sabe-se da existência do selo de \$10, com o valor e a inscrição invertidos. Constatamos que o comerciante londrino Sr. Frank Godden, localizou em outras tantas folhas diferentes, 50 exemplares novos.



figura 1

5 Da série «EUROPA - 1963», sabemos de dois selos da taxa de 1\$00 (ambos usados e colados em envelopes expedidos de uma Estação dos C.T.T. no Algarve) que apresentam omissão da referida taxa e dos dizeres «CEPT».

7 Na série «S. Vicente de Paulo» - 1963, temos notícia de um erro encontrado no selo de 2\$80, no qual está omissa toda a impressão a ouro, isto é: os dizeres «S. Vicente de Paulo», os algarismos «1650-1960» e a palavra «Portugal».

C
O
M
P
I
L
A
Ç
Ã
O
E
T
E
X
T
O
D
E
N.
S
A
L
E
M
A
E
V.
F
A
L
C
Ã
O

4 Na série «Escudos de Armas» de MOÇAMBIQUE - 1961, foi encontrado o selo da taxa de 7\$50, que apresenta as seguintes anomalias: (Fig. 1).

- omissão da taxa
- omissão da palavra «correio»

isto é, omissão de todos os dizeres impressos a vermelho. Reproduzimos a fotografia de um exemplar que nos foi gentilmente cedida e do qual se conhece uma folha inteira (50 selos).

6 Um dos nossos consócios, possui uma folha completa (100 selos) do selo de 1\$00 da série «Emissão comemorativa do centenário do Banco Nacional Ultramarino» - 1964, que apresenta diferentes e notórias deslocações de uma das cores em que foi impresso (a azul escuro), o que motiva, na maioria dos exemplares, omissão de diversos dizeres. Com o mesmo erro, dá-nos notícia um dos nossos comerciantes, de possuir alguns selos, possivelmente retirados de outra folha em condições idênticas. Da mesma série e da mesma taxa, conhecemos também outras «variedades», mas em grau de interesse mais demérito.

Teríamos interesse e agradeceríamos, para o trabalho de compilação e valorização dos exemplares que nos propomos realizar, que os nossos prezados leitores nos informem se, dos selos que mencionamos, conhecem a existência de outros exemplares que nos permitam estimar, aproximadamente, o número de cada um.

E ainda, agradecemos informações sobre outros «erros» ou «variedades» e quantidades conhecidas para que, de igual modo, possamos fazer-lhe a referência conveniente. Quando possível, essa informação poderá ser acompanhada de uma fotografia, do ou dos exemplares em questão.

A DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE MOÇAMBIQUE

por

Jorge Luis P. Fernandes

A propósito do artigo «OS CARIMBOS NUMÉRICOS DE MOÇAMBIQUE», publicado em «Selos & Moedas», N.os 8-9.

N O último número desta revista foi publicado um resumo da organização administrativa da província de Moçambique. Como a resenha publicada, longe de actual está muitíssimo desactualizada, e de modo algum reflecte o surto de progresso que por estas terras é uma realidade e a acção dos governantes que, assim, nos últimos anos, entenderam elevar bastantes circunscrições a concelhos e passar à categoria de vila muitas povoações, julgamos ser de interesse publicar uma rectificação, extraída da separata publicada pela Imprensa Nacional de Moçambique, em 1964, sob o título: DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE MOÇAMBIQUE — Aprovada pelo Decreto N.º

39:858, de 20 de Outubro de 1954, com as alterações introduzidas até 30 de Novembro de 1964.

Assim, temos:

Distrito de Lourenço Marques

Concelhos: — Lourenço Marques, Manhiça, Maputo (sede em Bela Vista), Marracuene (sede em Vila Luísa), Matola, Namaacha e Sábìè (sede em Moamba).

Distrito de Gaza

Concelhos: — Gaza (sede João Belo), Baixo Limpopo (sede Vila Trigo de Morais), Bilene (sede em Macia), Caniçado (sede Vila Alferes Chamusca), Chibuto, Limpopo (sede em Malvéria), Magudè e Muchopes (sede em Manjacaze).

Distrito de Inhambane

Concelhos: — Inhambane, Hoimoine, Massinga, Maxixe, Morrumbene e Vilanculos;

Circunscrições: — G o v u r o (sede em Nova Mambone), Inharrime, Panda e Zavala (sede em Quissico).

Distrito de Manica e Sofala

Concelhos: — Beira, Bárue (sede em Vila Gouveia), Búzi (sede em Nova Lusitânia), Cheringoma (sede em Inhaminga), Chimoio (sede em Vila Pery), Dondo (sede Vila do Dondo), Manica (sede Vila de Manica), Marronieu, Sena (sede em Vila Fontes);

Circunscrições: — Chemba, Gorongosa (sede em Vila Paiva de Andrada), Mossurize (sede em Espungabera) e Sofala (sede em Nova Sofala).

Distrito de Tete

Concelhos: — Tete, Angónia (sede em Vila Coutinho), Mácanga (sede em Furancungo), Moatize e Mutarara (sede em Dona Ana);

Circunscrições: — Mágoè, Marávia (sede em Fíngò) e Zumbo.

Distrito da Zambézia

Concelhos: — Quelimane, Alto Molócuè, Chinde, Guruè (sede em Vila Junqueiro), Maganja da Costa (sede Vila da Maganja), Milange, Mocuba e Nama-curra;

Circunscrições: — Ile (sede em Errego), Lugela, Mopeia, Morrumbala, Namarrói e Pebane.

Distrito de Moçambique

Concelhos: — Nampula, António Enes, Erâti (sede em Namapa), Fernão Veloso (sede em Nacala), Meconta, Moçambique, Moma, Monapo, Mossuril e Ribaué;

Circunscrições: — Imala (sede em Muecate), Malema (sede Entre-Rios) Memba, Mongicual, Mogovolas (sede em Nametil), Murupula e Nacala-a-Velha.

Distrito de Cabo Delgado

Concelhos: — Porto Amélia, Ibo, Macomia, Macondes (sede em Mueda), Mocimboa da Praia e Montepuez;

Circunscrições: — Mecúfi, Palma e Quissanga.

Distrito do Niassa

Concelhos: — Vila Cabral e Amaramba (sede em Nova Freixo);

Circunscrições: — Lago (sede em Augusto Cardoso), Mandimba, Marrupa, Mecula, Sanga (sede em Miranda) e Valadim ⁽¹⁾.

*

E já agora, para quebrar um pouco a monotonia desta árida relação, acrescentemos-lhe um pouco de interesse filatélico, analisando alguns selos de Moçambique, que directa ou indirectamente se relacionam com a divisão administrativa desta Província, e

(¹) Sòmente se menciona a sede dos concelhos ou circunscrições, nos casos em que a toponímia difere.

que descreveremos sob uma forma temático-didática.

Sem entrar em pormenores sobre os decretos e portarias que criaram os selos privativos nos antigos distritos de Moçambique, e ainda sem considerar as datas das diversas alterações na divisão administrativa, notamos que tiveram selos privativos os seguintes distritos que ainda hoje conservam os mesmos limites: Inhambane, Zambézia, Tete e Moçambique; Manica e Sofala, território então governado pela magestática Companhia de Moçambique.

Usaram-se também selos privativos no distrito de Lourenço Marques e no território da magestática Companhia do Niassa, que hoje compreende os distritos do Niassa e Cabo Delgado.

Em resumo, somente os actuais distritos de Gaza e Cabo Delgado não tiveram selos privativos.

Todas as capitais de distrito — Lourenço Marques, João Belo,



figura 1

Inhambane, Beira, Tete, Quelimane, Nampula, Porto Amélia e Vila Cabral — estão devidamente

assinaladas nos selos da série «Mapa de Moçambique» (Fig 1); os seus respectivos brasões podem ver-se os selos da série emitida em 1961, respectivamente nos valores de \$05, 30\$00, \$30, 50\$00, 5\$00, 1\$50, \$20, 7\$50, e 3\$00.

De notar que o brasão da cidade da Beira figura ainda nos selos comemorativos da 1.ª Exposição Filatélica de Manica e Sofala, mas neste caso os selos reproduzem o antigo brasão, tendo como motivo principal um castelo; no novo brasão o motivo é uma caravela.

A capital da Província, Lourenço Marques, é focada em bastantes selos. Assim, em 1944, o seu 4.º centenário, relevante facto histórico, foi comemorado com uma série de quatro interessantes selos, mostrando muito apropriadamente, os seguintes edifícios da cidade: a Catedral, a Estação Central de Caminhos de Ferro e a Câmara Municipal; Lourenço Marques teve também um selo comemorativo do 75.º aniversário da sua elevação a cidade, emitido em Novembro de 1962, e que reproduz duas vistas panorâmicas, uma antiga e outra moderna, em contraste bem evidente.

Depois, na série «panoramas», encontramos uma vista parcial, a Praça 7 de Março e a cosmopolita Praia da Polana (selos de 2\$50, 10\$00, \$50, \$80, 1\$75 e 3\$00).

Finalmente, no que a Lourenço Marques se refere, não podemos deixar de mencionar mais alguns importantes edifícios que

aparecem em selos facilmente identificáveis: Hospital Miguel Bombarda, Banco Nacional Ultramarino e Liceu Salazar, não esquecendo, no valor de 3\$00 da emissão «fomento», uma vista do seu porto, um dos mais importantes de África Austral.

Mousinho de Albuquerque, (Fig. 2) o herói de Chaimite, deixou o seu nome indissolúvelmente ligado a muitas terras do sul de Moçambique. Felizmente, a sua presença nos albuns dos



figura 2

coleccionadores, através de tantos selos, é uma realidade: nas séries base emitidas em 1938 para todas as Províncias Ultramarinas, figura, em atitude de combate, em 4 selos; em 1930-31, sete selos com a efígie deste bravo soldado comemoram outras tantas vitórias; e em 1956, o centenário do nascimento de Mousinho foi assinalado com dois selos, um reproduzindo o seu retrato em meio corpo e outro a estátua equestre existente em Lourenço Marques.

Por Decreto de 1895, António Enes, o Comissário Régio encarregado de liquidar o pederio do Gungunhana, potentado senhor

de vasto império, criou o Distrito Militar de Gaza, nomeando Mousinho seu Governador, que logo estabeleceu a sede no Chibuto, dotando-a das necessárias obras de defesa.

Foi neste território que se verificaram algumas das grandes vitórias daquele intemerato cabo de guerra: Chaimite, Macontene, Coolela, etc.

António Enes, que deu o nome a uma vila e concelho do distrito de Moçambique, foi homenageado com um selo emitido em 1948, comemorativo do centenário do seu nascimento.

Inhambane, Quelimane e Moçambique são três nomes importantes na História desta Província.

Vasco da Gama (seria fastidioso mencionar todos os selos de Portugal, que se relacionam com o grande navegador), na primeira viagem por via marítima à Índia, atingiu em 11 de Janeiro de 1498 um local da costa oriental de África, onde se reabasteceu de água, e a que chamou «Terra da Boa Gente», legenda que Inhambane hoje orgulhosamente ostenta no seu brasão, cujo motivo é uma caravela (selo de \$30 da série «brasões»).

Prosseguindo viagem, alguns dias depois a frota chegou ao «Rio dos Bons Sinais», e, ali, na foz do Quelimane, foi colocado um padrão, acontecimento que o brasão desta cidade (selo de 1\$50) assinala: — «E aqui pusemos um padrão». Após um mês de demora, Vasco da Gama fez-se de novo ao mar e, em 2 de Março, chegou junto à ilha de

Moçambique; dali partiu para a Índia.

Depois, todas as armadas que se dirigiam à Índia, passaram a tocar em Moçambique que foi gradualmente crescendo de importância, até que, em 1763, foi elevada à categoria de vila, com Senado da Câmara. Este acontecimento foi comemorado em 1963 com a emissão de um selo, que tem como motivo a estátua de Vasco da Gama existente na cidade e ainda o seu brasão, que também figura no selo de \$50 da série já mencionada.

Relacionados com a Beira, a segunda cidade desta Província do Índico, também existem vários selos.

Da série da Companhia de Moçambique emitida em 1918, o selo de \$20 mostra o Tribunal e o selo de \$05 dá-nos uma ideia da cidade naquela época, enquanto vistas aéreas foram gravadas



Figura 3

nos selos de correio aéreo emitidos em 1935 (tipos triangular e rectangular); por outro lado, o selo comemorativo do 50.º aniversário desta cidade, emitido em 1957, tem como motivo uma vista actual, destacando-se em primeiro

plano o seu importante porto, que também aparece nos selos de \$25 e 1\$40, da série de 1925-1931, da Companhia de Moçambique.

Por último, mencionamos os valores de 1\$50 e 2\$00 da série «panoramas» com uma paisagem do rio Chiveve, que no selo, erradamente, é chamado rio Pungué (Fig 3).

Mais ao Norte, situa-se nas margens do Zambeze a histórica Vila de Sena (ver selos da série «mapa»), outrora importante empório comercial, que constituía etapa obrigatória no caminho fluvial para Tete, assegurando a penetração no interior.

Ali existiu a fortaleza de S. Marçal, da qual hoje somente restam algumas ruínas e o portal armoriado, que pode ser visto nos selos de 10\$00 da série de 1937 da Companhia de Moçambique: mas, como realidade do presente, nesta Vila situa-se a importante ponte ferroviária sobre o rio Zambeze, uma das maiores do mundo, que encontramos figurada nos selos de \$10 e 1\$20 da série «panoramas» e no selo de 5\$00, de 1937, da Companhia de Moçambique, território este que em 1935 emitiu ainda um esplêndido selo de 1\$00, comemorativo da sua inauguração.

Por sua vez, do rio Zambeze, facilmente identificável nos selos «mapa», o selo de 20\$00 da série de 1925-1931, da Companhia de Moçambique, mostra-nos uma vista panorâmica. Com a sua foz junto ao Chinde (selos «mapa» e brasões), o grande rio serve de limite ou atravessa os concelhos ou circunscrições de Chinde, Mar-

romeu, Mopeia, Sena, Mutarara, Moatize, Tete, Macanga, Marávia, Mágoè e Zumbo, nos distritos de Manica e Sofala, Zambézia e Tete.

Continuando a falar de rios, lembramos ainda: margem do Aruângua Grande (circunscrição do Zumbo) e rio Malema (circunscrição de Malema) nos selos de \$20, \$40, 15\$00 e 20\$00 da série «panoramas», já tantas vezes mencionada.

O rio Limpopo (selos «mapa»), em cujo vale se processa notável obra de colonização, é atravessada na Aldeia da Barragem (Caniçado) pela ponte — açude Trigo de Morais (valor de 5\$00 da série «fomento»). Para o valor de 4\$50 da mesma série, foi escolhida uma vista maravilhosa da barragem Salazar.

Esta barragem, está situada perto de Vila Pery, no Concelho de Chimoio, o «Concelho do Planalto», conhecido pela sua imensa riqueza agrícola e pecuária, amplamente demonstrada em numerosos selos da Companhia de Moçambique, séries de 1918 e 1921-1923, que têm como motivos o milho, citrinos, café, tabaco, algodão, gado.

Ainda um outro rio, o Búzi, que atravessa o concelho do mesmo nome, está assinalado no selo de 2½ c., de 1918, também de Companhia de Moçambique.

A circunscrição da Gorongosa, com o seu internacionalmente famoso parque de caça (que bem merecia uma esplêndida série de propaganda, pois que sômente

por forma indirecta pode ser referido, através dos belos exemplares da fauna de Manica e Sofala reproduzidos em vários selos da C.^a de Moçambique), a Gorongosa, dizíamos, está assinalada na série «panoramas» (selos de \$05 e \$30) com uma vista do Pico Gogôgo, da serra que é uma das mais importantes de Moçambique e que tem o mesmo nome da circunscrição. Nesta série «panoramas», notamos mais um erro: a grafia *Gorongosa*, em vez de Gorongosa.

Como última referência à série «panoramas» registamos nos valores de \$60 e 3\$50, as quedas de Nhanhangare, na serra Choa (concelho do Bárue).

Para terminar, e já que outros motivos não encontramos na colecção de Moçambique, mencionamos algumas localidades sômente assinaladas na série base «mapa»: Vila Coutinho, Vila de Manica, Milange, Pebane, Mocuba, Nova Freixo, Mocimboa da Praia, Montepuez, Ibo, Maniamba, Mema, Nacala e Vilanculos.

E aqui está, como ao fazermos uma rectificação que baseámos numa publicação oficial, acabamos por falar de um dos principais aspectos da colecção de selos, qual seja o seu extraordinário valor como instrumento didáctico, tantas vezes exaltado, mas ainda tão pouco compreendido e aceite.

Falemos de Filatelia

PALESTRA PROFERIDA PELO

EX.º SENHOR

DR. ANTÓNIO DE ALMEIDA FIGUEIREDO

NA **bibRIA**

SESSÃO SOLENE DO

X DIA DO SELO

EM

A VEIRO

Dr. António de Almeida Figueiredo

Formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra tendo casado com uma sua colega também formada em medicina.

A cura da tuberculose foi desde sempre uma das suas preocupações e daí o ter estado por largo tempo como médico da especialidade no Sanatório do Caramulo.

Também desde longa data que é médico fisiólogo do Sanatório da Lousã.

Foi, no seu tempo de estudante em Coimbra, pessoa de nomeada no meio académico. Culto e inteligente, durante anos fez parte dos corpos directivos do Clube Filatélico de Portugal e durante anos foi Director do seu Boletim produzindo artigos de muito interesse e fazendo com assiduidade a critica da literatura filatélica e catálogos — mesmo obras estrangeiras — que iam sendo remetidas ao Clube.

Júri de várias exposições, sempre se mostrou à altura pelos seus muitos conhecimentos e isenção na apreciação. Pertenceu ao Júri dos Temáticos na última exposição Filatélica Nacional — Lisboa 60.

O seu dinamismo de veras notável dirigiu-se sempre no sentido do fomento da filatelia nacional, tal como as exposições para a juventude, exposições itinerantes (que não chegaram a realizar-se conforme as suas sugestões, porque a sua vida profissional não lhe dava tréguas), transcreveu inúmeros artigos sobre a doutrina temática e por último um estudo exaustivo sobre o selo antituberculoso no nosso País, de que não havia até agora noticia alguma.

Foi publicamente louvado pelo ilustre director do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos pela sua valiosissima contribuição para a notável exposição comemorativa da fundação daquele importante organismo.

Tem todas as qualidades de grande conferencista por ter palavra fácil, e muitíssima cultura, mesmo no campo da filatelia.

Raro expõe, mas quando o fez sempre deixou bem assinalada a sua passagem, como sucedeu na Temática do Turismo, fazendo-o não com a mira em prémios mas como verdadeiro filatelista, na divulgação da filatelia.



O Ex.^{mo} Sr. Dr. António de Almeida Figueiredo proferindo a sua interessante palestra

FALEMOS

de

FILATELIA

Ex.^{mo} Senhor

Presidente da Direcção do Clube dos Galitos de Aveiro

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Secção Filatélica

Senhoras,

Senhores,

Acedi, com muito prazer, ao honroso convite para estar presente nas comemorações do Dia do Selo de 1964 e do segundo aniversário da prestigiosa revista «Selos & Moedas».

Mas, confesso, a honra do convite não me fez esquecer a preocupação que o mesmo me causou.

Vejo aqui, entre muitas pessoas, um grupo dos nossos filatelistas mais distintos e conhecedores. E na medida em que reconhecia a impossibilidade de dar a esta conversa um tom de erudição — que não possuo — e de lhes poder transmitir alguma coisa de novo, a hesitação na escolha do tema tornava-se cada vez maior.

Pensei depois, creio que acertadamente, que os filatelistas convictos e entusiastas, aqueles para quem o selo é, simultaneamente, o melhor diverti-

mento e o mais árduo trabalho para ocupar as horas de descanso, esses já são bem conhecedores do assunto.

Quando têm dúvidas esclarecem-nas nas suas reuniões e através da imprensa especializada onde, a justo título, conquistou, rapidamente, um lugar primordial a revista «Selos & Moedas». Não era aqui, em despretençiosa conversa, que iriam buscar conhecimentos nem aumentar o entusiasmo por uma causa comum.

Porque não tentar, antes, captar para a família filatélica um só filatelista a mais, mostrando-lhe o interesse do Mundo do Selo, os encantos e prazeres da Filatelia, mesmo que, um pouco arditosamente, se lhe ocultassem as agruras do caminho?

Falemos pois de Filatelia.

O que é a Filatelia?

Diz-nos o Dicionário que é o colecçãoamento dos selos do correio estudados metódicamente, definição que preferimos à de «paixão dos coleccionadores dos selos do correio», que podem, na verdade, ter outras paixões...

O termo Filatelia aparece pela primeira vez num artigo de Herpin publicado em Novembro de 1864, na

revista parisiense «Le Coleccionateur de Timbres — Poste», e destinava-se a substituir as designações mais arrezadas, e algumas pejorativas, de Timbronus, Maniatimbronus, Timbromania e Timbrofilia, esta ainda de uso corrente em França.

Ora se Herpin prestou um bom serviço com a criação do neologismo, aceite rapidamente em toda a parte, é de lamentar que houvesse induzido em erro milhões de pessoas — calcula-se que há mais de 50 milhões de coleccionadores de selos em todo o mundo.

A palavra é etimologicamente errada, como nos lembra o artigo publicado no Boletim do C. F. P. pelo senhor Embaixador Argyropoulos, e a designação certa, única adoptada nos países de lingua grega, é Filotélia.

Mas agora parece-nos difícil substituir, neste ponto, como em tantos outros, o que está errado, pelo que é certo.

Embora desde os tempos mais remotos os homens tenham procurado um meio de transmitir a distância notícias e mensagens, a criação do selo postal como meio de satisfazer o encargo dessas mensagens é muito recente.

Já antes que a palavra escrita atingisse grande divulgação, havia os mensageiros que transmitiam notícias, o mais célebre dos quais é, sem dúvida, Filipides, o primeiro corredor da Maratona.

Admite-se que tenham sidos os chineses os primeiros a criar um sistema de correio destinado a levar as mensagens do Imperador.

Mas também Heródoto nos descobre, maravilhosamente, a árdua missão dos homens que constituem, na Pérsia, o correio de Dario.

Os Aztecas, no México, os Dak, na India, — que levavam guisos em volta do pescoço destinados a afugentar as feras, — os Incas, portadores de uma vara com um conjunto de cordas cheias de nós perpassadas na mão, à maneira de rosário, para, mentalmente, irem recordando as mensagens, constituíam sistemas de correio, mais ou menos bem organizados, mas que só levavam mensagens dos

altos chefes de tribo, de reis, de imperadores, conforme os casos.

É Roma Imperial, nos tempos de César Augusto que cria um sistema do correio — Cursus Públicos — estendendo-se a todo o Império e podendo já levar mensagens de altos dignitários, não necessariamente aparentados com César. O termo Postal deriva, precisamente, das postas que ao longo das estradas marcavam a distância que cada mensageiro tinha de percorrer.

Em França é com Luís XI que se cria o correio, e há quem diga que foi Fouquet de la Varanne, em 1598, que o tornou extensivo a todo o público.

A verdade é que a Liga Hanseática constituída por negociantes do Báltico havia já creado, em 1357, um sistema postal próprio que ocasionalmente, como favor, é certo, poderia ser utilizado por individuos não membros da Liga.

Todavia é nos tempos de Carlos I de Espanha, — o Imperador Carlos V — que se organiza o que bem se pode chamar o correio moderno pois que a instituição estabelecida pelos condes Von Tour e Taxis, abrangendo quase toda a Europa, prestava os seus serviços a todos os que os pudessem pagar.

É de Agosto de 1518, oitenta anos antes de Fouquet de La Varanne, a Ordem Régia que concede a Batista, Mateus e Simão de Taxis o cargo de «Mayestros Mayores de Ostres, Postes e Correos», que pertencera a seu tio, Francisco de Taxis, seu anterior Correio Mór. E a ordem não se limita a outorgar uma nomeação, mas refere, pormenorizadamente, os privilégios dos correios que mais tarde seriam recebidos, até, nas cidades, a qualquer hora que chegassem, como se refere especificamente para Córdova a ordem régia de 11-12-1534.

Depois é creada em França, no tempo de Luís XIV, por Jean Jacques Villayer a pequena posta destinada ao transporte de correio dentro de Paris, já com porte previamente pago.

Em 1680, aparece em Londres, organizado por William Docwra, ou Deckra, o sistema do «Penny post» também para o correio nos limites da

cidade, previamente pago, como se comprovava por meio de um carimbo triangular.

Poucos vestígios há destes sistemas de correio pois só se conhecem um exemplar da pequena posta de Villayer, e apenas 13 do Penny Post.

Os correios continuavam a ser empresas privadas ao serviço do público até que, no século XVII, o Cardeal Richelieu determina que o Estado tome directamente a seu cargo a manutenção dos correios.

Para as grandes distâncias o porte continuava a ser pago pelo destinatário e em função da distância percorrida, o que onerava extraordinariamente a correspondência.

Isto incitava a fraudes, como a inserção de endereços segundo código pré-estabelecido que permitia saber as notícias sem aceitar a correspondência, cujo porte não era desta forma, pago, facto referido por Coleridge e atribuído, erradamente, a Rowland Hill.

Dai nasceu e se arreigou cada vez mais a ideia de que o pagamento do porte devia ser antecipado.

Tenham sido Chalmers, tipógrafo de Dundee, que em 1834 fez selos impressos em papel gomado, ou Lorenz Kosckier, austríaco, que em 1836 advogava o mesmo princípio, os percursores do selo, a verdade é que sem a iniciativa, a persistência e a clara visão de Rowland Hill, o selo, o selo que hoje colecionamos, não teria, tão cedo, começado a ser usado.

Preconizando primeiramente o uso de sobrescrito com selo impresso, ou papel selado, Rowland Hill acabou por fazer adoptar, em 1840, o uso de uma etiqueta de papel adesivo para obviar aos inconvenientes, poucos, resultantes dos analfabetos não sabermos endereçar os sobrescritos que

adquiriam nos correios, podendo, portanto, trazer a correspondência já endereçada.

... Que saudosos tempos esses em que os correios tanto se preocupavam com a comodidade dos utentes...

Estes selos eram primitivamente cortados à tesoura, mas logo em 1847 o irlandês Archer inventa a máquina de perfurar as folhas, tornando mais fácil a separação dos selos.

Não podemos referir sequer o coleccionamento, tão cheio de interesse, dos chamados pré-filatéticos, cartas cujo porte era escrito manualmente ou indicado por carimbos.

O coleccionamento do selo começa logo em 1840, no ano em que aparece, e foi Gray, funcionário do Museu Britânico, quem o inicia e primeiramente publica um anúncio solicitando trocas, logo seguido por Vetzell, de Lille, que conseguiu reconstituir uma folha inteira do famoso Penny Black, o primeiro selo inglês.

Desde então, quantos e quantos não coleccionaram selos que nalguns casos, não raros, foram os únicos valores salvos durante cataclismos e desgraças mundiais, de todas as ordens, que permitiram depois regulares meios de subsistência aos seus possuidores.

O primeiro coleccionador a expôr em público a sua colecção foi o belga Van der Meulen, em 1852. Foi vendo casualmente estes selos que Moëns — o primeiro grande nome na literatura filatélica, se interessa por eles e vem a tornar-se um famoso comerciante e uma autoridade no assunto.

Tal como Stanley Gibbons.

Stanley Gibbons nasce, como o Selo, em 1840. Aos 14 anos obtém licença para expôr na farmácia de seu pai os selos repetidos iniciando um comércio de compra e venda, que viria a dar origem a uma das gran-

A Cerâmica e a indústria de todos os tempos é hoje a mais moderna na sua utilização e actualização técnica e aplicação prática. No campo decorativo as louças atingiram um nível de excepcional beleza e qualidade.

A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

des casas filatélicas. Não obstante a sua pouca idade, a progressão do negócio obrigou-o a contratar um secretário, e, pouco depois, a ampliar o seu estabelecimento, à custa da primitiva farmácia.

As circunstâncias de ter um irmão oficial de marinha e de residir em Plymouth, porto de mar, permitiam-lhe ter selos de todo o mundo e manter um variado stock.

Todavia, entre os colecionadores não há quem se possa comparar a Filipe de la Renotière von Ferrari, Duque de Galière.

Possuidor de enorme fortuna, tinha começado a coleccionar selos em criança guardando os que sua mãe, como recordação, lhe trazia das suas muitas viagens.

Depois foi um comprar de tudo o que havia de melhor em todo o mundo. Era tal a importância das suas transacções, que semanalmente entregava ao caixa 50.000 francos destinados só às compras habituais, pois que as peças mais raras eram pagas separadamente. Não esqueçamos, para efeitos de câmbio, que von Ferrari nasceu em 1848 e faleceu em 1917.

Foi o único coleccionador do século XX que chegou a ter uma colecção universal completa de selos tipo, fora as inúmeras variedades.

Teve de proibir a visita às suas colecções porque muitas pessoas iam ali apenas para ver o que poderia faltar-lhe, certas de que isso seria uma enorme raridade, a transaccionar-lhe por alto preço.

Quando faleceu, em 1917, naturalizado suíço, deixou a sua colecção ao Museu Postal de Berlim. Apesar da sua naturalização o governo francês apoderou-se dela e fê-la leiloar, destinando o produto a pagamento de dívidas de guerra.

O leilão, feito sob a direcção de Gerard Gibbert, durou de meados de 1921 a Novembro de 1925 e rendeu mais de 25 milhões de francos-ouro.

Grande coleccionador foi também o sueco Lagerloef.

Cada colecção, por países, era iniciada por um pequeno conjunto de principiante, sucessivamente melhorado até ao ponto em que obtivesse o

primeiro prémio, quando se apresentasse em competição.

Nessa altura a colecção era guardada para ser oferecida a quem se mostrasse digno dela. A verdade é que a maior parte das suas colecções acabou por ser oferecida ao Museu Postal Sueco, e houve até necessidade de construir uma ala especial, para as guardar, no edifício dos correios de Estocolmo.

Não o melhor, mas certamente o «Maior» com os seu 130 Kgs. de peso, foi o americano Green. Só podia deslocar-se de automóvel e sem sair dele chegava a fazer transacções de 77 mil dólares.

Para o estudo dos seus selos mandou fazer uma lupa especial, de um metro e meio de diâmetro, que custou 20 mil dólares.

...Mas parece que não lhe deu grande uso, pois que, por sua morte, dezenas de peritos gastaram o melhor de 3 anos para classificar e arrumar selos, cujo leilão excedeu os três milhões de dólares.

Valiosa era também a colecção de Tapling, que faleceu em 1891, apenas com 36 anos de idade. Apesar disso reunira já uma vasta colecção de selos clássicos da Turquia, Tasmânia, Afeganistão, entre outros, avaliada, em 1934, em dois milhões de dólares.

Tapling foi um dos mais cultos filatelistas do seu tempo e em sua honra criou a Royal Philatelic Society a medalha Tapling, conferida ao associado que nos dois anos anteriores tiver publicado melhor trabalho sobre selos.

É, como se vê, de grande valor uma colecção e actualmente movimentam-se milhões só por causa desses bocadinhos de papel.

Recordemos que o selo comemorativo de Kennedy, de valor nominal de 5 cêntimos, rendeu juntamente com os dois milhões de sobrescritos mais de 100 mil dólares — cerca de 3 mil contos — no primeiro dia de emissão.

É natural que tão extraordinária fonte de valores tivesse provocado numerosas falsificações.

Assim é, com efeito.

Há dois tipos de falsificações: a postal, feita apenas com o fim de defraudar o Estado, e a filatélica,

dirigindo-se especialmente aos colecionadores. É evidente que as segundas são sempre mais cuidadosamente feitas e incidem sobre selos raros e valiosos.

Citando alguns falsificadores, que particularmente interessam aos portugueses, e também o maior de todos eles, referiremos Oneglia, Fournier, Ferreira e Sperati.

Oneglia falsificou, por volta de 1890, numerosos selos clássicos de Espanha, Suíça, Estados Unidos, etc.. Nunca chegou a ser preso, alegando que não falsificava selos mas fazia fac-símiles destinados aos colecionadores menos abastados, para marcar lugares nas suas colecções.

Algum tempo depois o suíço Fournier dá ao negócio um incremento ainda não atingido. Felizmente, por sua morte, os herdeiros não puderam como queriam, continuar a sua obra, e após liquidação judicial a Federação dos Clubes Suíços adquiriu as maquinetas e o stock de selos com os quais fez um reduzido número de colecções destinadas a Clubes Filatélicos e a colecionadores inteiramente dignos de confiança, sendo queimados os restantes.

Interessa-nos especialmente, porque foram numerosos os selos das províncias ultramarinas que falsificou com mais ou menos inteligência e perfeição. De Portugal continental só falsificou as taxas de 50, 75, 80 e 100 reis do centenário de Santo António.

Ferreira falsificou selos de relevo, principalmente, e era hábil em alterar as cores dos selos obtendo assim exemplares raríssimos, pois na realidade só existiam os seus.

Mas o maior de todos os falsificadores foi, incontestavelmente, Jean de Sperati. Desde os 12 anos evidenciou as suas qualidades quando falsificava a assinatura paterna nos cartões em que pedia dispensa das aulas, chegando a ter uma pequena indústria para os fornecer aos condiscípulos. Felizmente para a filatelia, nem todos os que fizeram o mesmo nos seus tempos de liceu, seguiram, depois as pisadas de Sperati.

Descoberto acidentalmente durante a guerra passada, acabou endeço para Lisboa uma carta contendo

selos clássicos, logo avaliados em sete mil e quinhentos dólares, a sua única defesa foi declarar que não fazia exportação ilegal de divisas pois só enviava falsificações. Assim sucedia na verdade, não obstante as peritagens em contrário de grandes autoridades mundiais como Locard, de Lyon.

A verdade é que os seus selos, autênticas obras primas de cuidado, minúcia e perfeição em que falsificando papel, tintas, carimbos, etc., fazia até inteiros postais, chegaram a ser dados por bons pela Royal Philatélic Society.

A exposição de falsificações de Sperati, em Londres, de que se fez um maravilhoso catálogo de tiragem muito limitada, constituiu um êxito e simultaneamente um quebra-cabeças para muitos que, com facilidade inesperada, tinham adquirido raridades por preços não muito altos.

Servia-lhes de consolo o verem que as falsificações Sperati, falsificações reconhecidas como tal, eram, mesmo assim, bastante cotadas.

É tempo de sabermos que selos coleccionar, e como coleccionar.

Não vamos debater uma vez mais o problema dos selos novos e dos selos usados.

O selo novo é, com algumas poucas excepções justificadas, mais cotado nos catálogos. Quer os selos modernos, quer os clássicos, cuja raridade em novos é consideravelmente maior.

Não colhe o argumento de que o selo usado é aquele que verdadeiramente cumpriu a sua missão. Um livro mesmo que nunca tenha sido lido, nunca deixa de ser um livro; um selo que não foi utilizado, não deixa de ser um selo.

Por outro lado, as colecções que passam a craveira dos muitos milhares, em qualquer moeda, são principalmente feitas com selos usados, selos clássicos que atingem valores sempre dignos de interesse. O argumento de que fossem selos novos valeriam mais é inteiramente válido, contudo, muitos que defendem os selos usados, coleccionam, e expõem, selos novos...

De uma forma ou de outra é necessário que os selos sejam perfeitos e não vale a pena estar a definir as

características do exemplar perfeito.

Cabe aqui uma referência a selos restaurados e reparados.

Pessoalmente acho muito mais aceitável um selo clássico ostentando honestamente, honrosamente, um pequeno defeito produto da idade e do desempenho das suas múltiplas funções de selo do correio e de objecto de colecção, que já terá passado por muitas mãos, do que o selo reparado, restaurado, regomado, e embonecado, a menos que muito claramente tenha um sinal que não deixe ilusões sobre o trabalho que nele se fez.

O facto de pensar deste modo, e de o expôr publicamente, não envolve censura nem menos respeito pela opinião contrária.

A colecção universal de todos os selos, de todo o mundo, é, desde há muito, impossível, quanto mais não seja pelas razões económicas.

De facto, desde que o selo do correio deixou de ser, simplesmente, um modo de pagar o porte da correspondência, para constituir um meio de equilibrar orçamentos, certos Estados lançaram-se no fabrico de selos de maneira desautinada.

Passou a ser um negócio em larga escala, onde desonestidades autênticas são cometidas por certas administrações postais.

A lista negra da FIP, onde algumas emissões são colocadas, devia ser mais amplamente divulgada e os coleccionadores comprometerem-se a não coleccionar tais selos.

Tem que se limitar, portanto, o âmbito de uma colecção.

Há quem preconize a colecção de todo um continente, de um só país, de determinada época, ou com funções especiais como por ex. os de aviação, de beneficência, etc.. Não referimos, por considerarmos absurdo, o coleccionamento de selos por cores, por preços, etc..

Enveredando pela colecção clássica, limitada a um país, penso que

cedo o coleccionador reconhecerá as vantagens, a necessidade, de uma especialização, de um estudo mais aprofundado. Além das variedades citadas nos catálogos um vasto campo se abre agora à sua iniciativa e à sua investigação. Dentro ainda da especialização de um país, caberão ensaios, provas, erros, sobrescritos do primeiro dia, e até franquias mecânicas, postais máximos, carimbos, se bem que a maximafilia e a marcofilia constituam departamentos já por si bem especializados.

A reunião de todos estes elementos permitirá obter peças filatélicas valiosas, em que um ou outro se tornou predominante, quando não é o acaso, vãos interrompidos por desastre, por exemplo que valoriza as peças.

Como se vê, a colecção nos moldes clássicos é susceptível de manter vivo interesse durante largo tempo, mesmo limitada a um país.

Bem diferente é a colecção temática, hoje cada vez mais em voga.

Defeitos originalmente introduzidos nos regulamentos, confusões que por mais esclarecimentos que haja nunca ficam completamente esclarecidas, têm dado origem a controvérsias e aborrecimentos.

Orgulhosa se deve sentir a secção filatélica deste Clube por daqui ter partido a iniciativa de procurar esclarecer o que estava confuso.

É orgulhosa ainda por ver que «lá fora» — como é curioso observar que tudo o que parte «lá de fora» é bom, justificado e acertado e como tudo o que parte «cá de dentro» quase sempre classificado de mau, incoerente, e inoportuno — lá fora dizíamos, já se advoga e insiste por uma rectificação, por um esclarecimento que há muito preconizamos.

A colecção de selos de um só motivo segundo o desenho dominante ou acessório ou a finalidade da emissão não é uma colecção temática; o

actual regulamento, não deixa dúvidas.

É uma colecção de assuntos ou motivos.

E assim numa colecção deste tipo o coleccionador poderá reunir e agrupar os selos nas suas folhas sem preocupações de países e data de emissão.

Apresenta-os segundo o seu maior ou menor senso artístico e a sua melhor ou pior escolha.

Aqui impera apenas a sua fantasia e só ela lhe estabelece limites e directrizes.

O mesmo se não passa, ou não se deve passar, nas chamadas colecções temáticas.

O coleccionador escolhe o tema, e deve procurar não cair na banalidade, que não exclui valor, dos animais, flores, desportos, e outros temas muito correntes.

Trata agora de demonstrar filatêlicamente o tema que escolheu, de conduzir o observador ao longo da ideia directriz, e isto com selos, deixando o verso e a prosa para outras ocasiões mais propícias.

Liberdade infinita na escolha do tema; sugestão absoluta ao desenvolvimento do mesmo.

É o tema vasto e bem desenvolvido? O coleccionador brilha tanto como os seus selos.

É o tema pequeníssimo e mal orientado? Nem brilha o coleccionador nem brilham os selos.

Aparentada estritamente com esta, vem a colecção didáctica, onde o desenvolvimento tende a uma faceta instrutiva.

Mais atractivas, variadas, as colecções de assuntos e temáticas são as que mais interessam e distraem o grande público, as que mais facilmente podem atrair novos adeptos ao campo da filatelia.

E esta ideia de proselitismo deve estar sempre presente no nosso espírito: — primeiro, porque cada novo coleccionador, pela rarefação de selos que provoca, mais valoriza a nossa colecção; depois porque há sempre a possibilidade de se aborrecer, e desistir, acabando por nos oferecer os selos que tão laboriosamente andou juntando...

Ora bem.

Devem as colecções temáticas ser especializadas, aprofundadas, estudadas como as clássicas?

É difícil responder secamente, sim ou não, sem qualquer comentário.

Qualquer colecção deve reflectir um mínimo de conhecimentos e deve ter um mínimo de cunho pessoal.

A colecção temática vale principalmente pela perfeição com que se descreve o tema, e vale acessoriamente pelos selos que apresenta.

Quando autoridades mundiais como John H. Groete o escrevem dizendo, «faça uma colecção temática e ninguém dirá que lhe falta uma variedade, uma prova ou um ensaio» não pretendem significar outra coisa.

Entre duas colecções absolutamente iguais em desenvolvimento, apresentação, etc., a que tiver melhores selos ou melhores peças, valerá mais, evidentemente.

Mas que o justo equilíbrio entre a valorização das peças e a exposição do tema se não perca, por forma a termos uma infinidade de selos, iguais para um observador desprevenido, que só diferem por serem de cantos, numerados ou não, ou de tiras, ou de taxas diferentes.

Num campo tão vasto como a filatelia há lugar para todos.

Quem prefere a especialização profunda tem as colecções clássicas onde o seu valor nunca deixará de ser plenamente reconhecido.

Quem prefere as temáticas sabe com o que conta, as dificuldades, vantagens e desvantagens com que depara, e estará sempre a tempo de mudar de orientação quando verificar que pela riqueza, variedade, complexidade e estudo de determinado sector, pois raramente o conseguirá em relação a todos, poderá enveredar pela especialização.

Poderemos encarar um neoclassicismo que será a especialização aprofundada de determinado assunto. Mas, convenhamos, isto já não é temática.

Escolhido o tema, escolhidos os selos, há que montá-los segundo os dois processos mais em voga. Está

agora o colecionador habilitado a vê-los... e a mostrá-los.

Dizia André Brun que havia duas coisas difíceis de fazer com um cavalo: — vendê-lo e ensiná-lo a saltar.

Também há duas coisas difíceis de fazer com selos: — vendê-los e mostrá-los.

Esta última parte traz regra geral, mais aborrecimentos que compensações.

Se são mostrados a um leigo pouco não será o trabalho para evitar que inutilize algum no afã de ver de perto para tentar compreender que misteriosa causa nos obriga a desperdiçar tempo e dinheiro com aquilo...

Se é a um colecionador raras vezes se lhe consegue insuflar o entusiasmo e o prazer que os seus pró-

prios selos, melhores ou piores, lhe despertam.

Se a exposição é pública, e de competição, sempre conseguiremos arranjar, além de uma sobrecarga de trabalhos e de algumas folhas estragadas — que terão de ser substituídas — mais uma meia dúzia de inimigos íntimos entre concorrentes, júri e visitantes...

Na realidade os selos, esses amigos sempre presentes e compreensivos, não carecem de prémios.

Basta-lhes a consoladora certeza de que quem alguma vez os colecionou com carinho nunca mais deixará de ser filatelista, mesmo que já não tenha colecção de selos.

Lisboa, Novembro de 1964

bibRIA

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA ?

inscreva-se como sócio da

SECÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DO CLUBE DOS GALITOS

receberá gratuitamente SELOS & MOEDAS

FOMENTE, DIVULGUE E PRATIQUE

F I L A T E L I A



CORPOS DIRECTIVOS para 1965/6

No passado dia 3 de Fevereiro, realizou-se a Assembleia Geral da nossa Secção, tendo sido eleitos para o BIENIO 1965/66, os seguintes corpos directivos :

SECÇÃO

DIRECÇÃO

Presidente — Nuno Salema
Vice-Presidente — Joaquim Paulo Ferreira Relógio
Secretário — Vítor Eusébio dos Santos Falcão
Tesoureiro — José Henriques dos Santos
Vogais — Mário Gonçalves Andias
Arlindo Carvalhas
João Augusto Soares

REVISTA

Director e Editor — João Carlos Correia de Almeida
Director Adjunto — Nuno Salema
Redactores — Amadeu de Sousa
António Frias dos Santos Galhardo
Administrador — José Henriques dos Santos

Por absoluta falta de espaço não podemos inserir neste número de «Selos & Moedas» a reportagem completa desta Assembleia que decorreu em ambiente de alto nível.

No próximo número faremos a descrição de tudo o que se passou, e o realce que teve um voto de louvor — aprovado por unanimidade e aclamação — ao trabalho realizado pelo anterior Presidente da Direcção, Sr. Eng.º Paulo Seabra Ferreira.

ENCOS & Z

I CONGRESSO NACIONAL FILATÉLICO

Não há dúvida de que estamos em presença de um êxito desde já assegurado!

A ideia do «I Congresso Nacional Filatélico» tem, positivamente, entusiasmado o meio filatélico português e, a todo o momento, nos chegam incitamentos e palavras de louvor pela nossa iniciativa.

Perguntas, sobre se este ou aquele assunto terá cabimento no Congresso; telefonemas, inquirindo sobre datas prováveis e como será possível tomar nele parte.

Se, em relação ao primeiro quesito, já poderemos dar, ainda que uma pálida ideia do que se irá fazer, quanto aos segundos, por razões atendíveis, teremos que aguardar mais um pouco para os podermos esclarecer, o que faremos, logo que o «secretariado» do Congresso esteja constituído e em laboração e, certamente, através da imprensa diária, já que a nossa próxima REVISTA, só verá a luz do dia, no próximo primeiro de Junho.

Assim, podemos no entanto e desde já informar, que as «Secções» principais do Congresso, serão as seguintes:

- I — Colecções Temáticas;
- II — Juvenil;
- III — Comissão Filatélica Nacional;
- IV — Correios de Portugal Continental e Ultramarino
- V — A propagação turística, cultural e patriótica através dos selos e carimbos;
- VI — Estudos de pré-filatelia portuguesa, correios marítimos portugueses, marcofilia, catálogos de erros, provas, etc.;
- VII — A imprensa e a Filatelia;
- VIII — Normas, relatórios e circulares da F. I. P. e sua divulgação;
- IX — Dos Juris nacionais e internacionais;
- X — A acção a desenvolver pela Federação Portuguesa de Filatelia.

Parece-nos que, em tão vasta matéria, muitas teses se poderão debater — e quantas mais melhor — e, por isso, vamos todos aguardando com verdadeiro interesse o «desenrolar dos acontecimentos» que — para já — estão entregues nas mãos experimentadas dos nossos consócios Sns. Dr. Jorge de Melo Vieira, José da Purificação Morais Calado e Carlos da Rocha Leitão.

Do seu dinamismo, da sua dedicação e do seu espírito de sacrifício desinteressado, nada mais haverá a esperar do que o brilho e o cuidado que serão de exigir, a um trabalho de tamanha envergadura.

BOLSAS FILATÉLICAS

Aos domingos, continuam a processar-se regularmente, a partir das 11 horas — no Café Arcada, em AVEIRO — reuniões onde, as permutas entre filatelistas, tem sido objecto do maior interesse.

MAIS UM CLUBE FILATÉLICO

Acaba de ser fundado o «First Philatelic Portuguese Club of Canada», com sede em — 31 Major St., Toronto — 4 (Ont.) — Canadá.

RARIDADE FILATÉLICA

Surgiu inesperadamente uma «raridade filatélica»: um postal, não sabemos editado por quem, com o selo do Diário de Notícias e respectivo carimbo do 1.º dia de circulação tendo, do lado esquerdo, a reprodução da 1.ª página do D. N., desse dia. Tiragem reduzida, somente destinada a ofertas.

«HELLO FRIENDS!...»

Recebeu a Secção Filatélica, uma carta subscrita por «a friend in stamps», Mrs. Ruth Olsen, de San Francisco, California, de cujo teor não podemos deixar de transcrever algumas passagens, por nos parecerem, além de curiosas, de bastante interesse.

Assim, depois de nos dizer que «I am married and have three daughters ages 11, 10 and 5», afirma-nos que «I decided to write to you to see if perhaps someone in your club might be interested in corresponding with me and trading stamps through the mail».

Esclarece que «I started collecting stamps when I was a child» e que «I am not an advanced collector, mas que «I have a general collection» e «I also have started to collect famous women and I would like to do Eleanor Roosevelt complete which I have a good start on» e «I collect both mint or cancelled stamps» e que «I hope there is someone in your club who would like to correspond with me and to trade stamps».

Por fim, credencia-se por «I belong to the Peninsula & Stamp Club in this area and I am secretary of it», esclarecendo que «We meet twice a month and I look forward to my stamps meetings».

Aqui registamos pois, com o maior prazer, este desejo de uma «friend in stamps» (sic), Mrs. Ruth Olsen, cujo endereço é: 516 — Hemlock Avenue — South Francisco — California — U. S. A., para que, algum ou alguns dos nossos leitores, possa «write to her» e assim, entabular mais um intercâmbio, que tão proveitoso pode ser à nossa Filatélica.

Pela nossa parte, temos o gosto de vos deixar a nossa sugestão e de dizer que a Secção Filatélica enviou, ao «Peninsula & Stamp Club» o último exemplar da nossa «Revista» e, a Mrs. Ruth Olsen, um envelope franqueado com os nossos mais recentes selos «comemorativos» e cujo conteúdo era um singelo agradecimento pelo prazer que nos deu, de mais um provável Amigo do nosso País e dos selos de Portugal.

O FILATELISTA

No último boletim «O FILATELISTA», órgão de propaganda do Escritório Filatélico de Eládio dos Santos, tivemos a satisfação de ler um artigo de fundo da autoria do nosso amigo e colaborador Miguel Pimentel Saraiva uma reportagem sobre as comemorações do «X Dia do Selo e 2.º Aniversário de Selos & Moedas», em Aveiro.

Se bem que não nos causasse surpresa, caiu no entanto bem fundo no nosso coração filatélista esta simpática referência, que agradecemos ao Autor e a Eládio dos Santos.

OS ÚLTIMOS SELOS

METRÓPOLE

Emissão posta a circular em 1 de Dezembro, aproveitada para comemorar o Dia do Selo, foi desenhada pelo pintor Sebastião Rodrigues.

Os selos têm as dimensões de $34,5 \times 27$ mm, compreendendo a serrilha, cujo denteado é de 13,5.

Tanto o carimbo como o desenho do sobrescrito do 1.º dia estão muito bem delineados.

Os trabalhos de impressão foram executados em off-set, pela Casa da Moeda, com o seguinte plano de emissão:

\$20	—	tiragem	11.000.000
1\$00	—	»	10.000.000
1\$50	—	»	1.500.000
6\$50	—	»	500.000

Jogos
Olímpicos
de
Tóquio
(1964)



Centenário
do
Diário de Notícias

No dia 28 de Dezembro de 1964 foi posta a circular esta emissão comemorativa, dos mais justos prémios que o Diário de Notícias era merecedor como sendo um dos principais órgãos da imprensa portuguesa ao serviço há 100 anos.

O desenho é da autoria do pintor Júlio Gil e os selos têm as dimensões de $34,5 \times 25,4$ mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Foram impressos na Casa da Moeda, em off-set, com o seguinte plano:

1\$00	—	tiragem	9.000.000
5\$00	—	»	1.000.000

Para comemorar o I Congresso Nacional do Trânsito, promovido pelo Automóvel Clube de Portugal e dedicado ao estudo daquele importante problema, foi posta a circular no dia 15 de Fevereiro uma série comemorativa, cujo desenho, muito sugestivo, é da autoria do pintor Paulo Guilherme, artista que já nos habituámos a ver ligado à Filatelia.

Os selos têm $34,5 \times 25,4$ mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

A impressão em off-set, foi entregue à Casa da Moeda, sendo emitidos:

9.000.000	de	1\$00
1.000.000	de	3\$30
1.500.000	de	3\$50

I Congresso
Nacional
do Trânsito



OS ÚLTIMOS SELOS

METRÓPOLE

Emissão posta a circular em 1 de Dezembro, aproveitada para comemorar o Dia do Selo, foi desenhada pelo pintor Sebastião Rodrigues.

Os selos têm as dimensões de $34,5 \times 27$ mm, compreendendo a serrilha, cujo denteado é de 13,5.

Tanto o carimbo como o desenho do sobrescrito do 1.º dia estão muito bem delineados.

Os trabalhos de impressão foram executados em off-set, pela Casa da Moeda, com o seguinte plano de emissão :

\$20	—	tiragem	11.000.000
1\$00	—	»	10.000.000
1\$50	—	»	1.500.000
6\$50	—	»	500.000

Jogos
Olímpicos
de
Tóquio
(1964)



Centenário
do
Diário de Notícias

No dia 28 de Dezembro de 1964 foi posta a circular esta emissão comemorativa, dos mais justos prémios que o Diário de Notícias era merecedor como sendo um dos principais órgãos da imprensa portuguesa ao serviço há 100 anos.

O desenho é da autoria do pintor Júlio Gil e os selos têm as dimensões de $34,5 \times 25,4$ mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Foram impressos na Casa da Moeda, em off-set, com o seguinte plano :

1\$00	—	tiragem	9.000.000
5\$00	—	»	1.000.000

Para comemorar o I Congresso Nacional do Trânsito, promovido pelo Automóvel Clube de Portugal e dedicado ao estudo daquele importante problema, foi posta a circular no dia 15 de Fevereiro uma série comemorativa, cujo desenho, muito sugestivo, é da autoria do pintor Paulo Guilherme, artista que já nos habituámos a ver ligado à Filatelia.

Os selos têm $34,5 \times 25,4$ mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

A impressão em off-set, foi entregue à Casa da Moeda, sendo emitidos :

9.000.000	de	1\$00
1.000.000	de	3\$30
1.500.000	de	3\$50

I Congresso
Nacional
do Trânsito



MARCOFILIA

METRÓPOLE

CARIMBOS DO 1.º DIA DE CIRCULAÇÃO

1 EMISSÃO COMEMORATIVA
DOS JOGOS OLÍMPICOS
DE TÓQUIO



2 EMISSÃO COMEMORATIVA
DO 1.º CENTENÁRIO
DO DIÁRIO DE
NOTÍCIAS



3 EMISSÃO COMEMORATIVA
DO 1 CONGRESSO
NACIONAL DO
TRANSITO



- 1 III Exposição Filatélica Inter-sócios — Galitos
- 2 Exposição de Divulgação Filatélica — CTT — Seia
- 3 I Exposição Filatélica Siderurgia Nacional
- 4 I Exposição Filatélica Nacional da Propriedade Urbana
- 5 II Exposição Filatélica — Funchal



MANCOLISMO

VENDEM-SE (For sale)

SELOS ISOLADOS, FRAGMENTOS DE MAGNIFICA
COLEÇÃO CLASSICA DA EUROPA

(Selos usados, salvo indicação em contrário)

ALGUNS LOTES:

(Números do Catálogo «Yvert & Tellier» — preço de venda, em escudos)

ALEMANHA — N.º 18 — 150\$00 excelente oblit.	LEVANTE AUSTRIACO — N.º 3 — 50\$00 — lindo
BADEN — N.º 1 — 1.500\$00 — idem	LUBECK — N.º 5 — 70\$00 — Novo com boas margens
BAVIERA — N.º 29-A — 500\$00 — lig. def. no dent.	MALTA — N.º 3-a — 250\$00 — Novo
BELGICA — N.º 25 — 150\$00	MECKLEBOUG-SCHWERIN — N.º 3 300\$00
BERGEDORF — N.º 7 — 2.500\$00 — c/ pea, defeito	NORUEGA — N.º 1 — 400\$00 — com excelente oblit.
COMP.ª DANUBIANA DE NAVEGA- ÇÃO A VAPOR — N.º 1 — 2.500\$00	OLDENBOURG — N.º 2 — 70\$00 — boas margens
ILHAS JÓNICAS — N.º 2 — 1.500\$00 — margens pea	PRÚSSIA — N.º 2 — 200\$00 — boas margens
FINLÂNDIA — N.º 13-a — 150\$00 — Novo	N.º 4 — 50\$00 — boa oblit.
GRÉCIA — N.º 106 — 50\$00 — ex- celente oblit.	N.º 14 — 100\$00 — mag- nífico
HOLANDA — N.º 1-b — 200\$00 — lindo	N.º 18 — 250\$00
N.º 2 — 70\$00	SICILIA — N.º 24 — 10.000\$00 — com lig. adelaçoamento
ILHA DE HÉLGOLAND — N.º 16 — 300\$00 — Novo	SUÉCIA — N.º 6 — 80\$00 — com lig. defeito
ISLÂNDIA — N.º 14-A — 200\$00 lindo	N.º 10 — taxa — 180\$00 — exc. oblit.
N.º 15 — 50\$00 — ex- celente oblit.	SUISSA — N.º 20 — 350\$00 — lindo

Além dos lotes indicados, vendem-se ou trocam-se dezenas de outras belas «peças» que servirão para preencher as «casas» vazias dos vossos álbuns.

Esclarecimentos e informações detalhadas, por escrito, para o
«Apartado 93» — AVEIRO — PORTUGAL

— N. Salema Apartado 93 — Aveiro

Colecciona: desportos de Portugal e Ultramar (usados); peixes e frutos universais (usados); erros, provas, variedades, blocos, etc., dos referidos temas. Compra e troca selos e envelopes, com motivos referidos. Correspondência em português, espanhol, francês e inglês.

— António Campos Graça Rua Cap. Sousa Pizarro, 28 — Aveiro

Troca ou vende selos do Continente e Ultramar, novos ou usados

— João Carlos Correia de Almeida Rua Gustavo F. Pinto Basto, 69-2.º Esq. — Aveiro

Troca ou compra selos de Portugal por selos da Fauna mundial (normais, provas ou erros). Correspondência em francês e inglês

— João Augusto Soares Rua do Bonfim, 150-1.º — Porto

Troca, compra e vende selos do Continente e Ultramar. Correspondência em francês e inglês

— José Caleiro Silvestre Rua Camilo Pessanha, 13-1.º Dt. — Lisboa - 5

Troca, compra e vende selos do Continente e Ultramar, novos

— José Henriques dos Santos Rua de Ilhavo, 40-r/c Esq. — Aveiro

Troca selos do Continente e Ultramar por quadras ou blocos e erros da Fauna e Flora

MANCOLISMO

VENDEM-SE (For sale)

SELOS ISOLADOS, FRAGMENTOS DE MAGNIFICA
COLEÇÃO CLASSICA DA EUROPA

(Selos usados, salvo indicação em contrário)

ALGUNS LOTES:

(Números do Catálogo «Yvert & Tellier» — preço de venda, em escudos)

ALEMANHA — N.º 18 — 150\$00 excelente oblit.	LEVANTE AUSTRIACO — N.º 3 — 50\$00 — lindo
BADEN — N.º 1 — 1.500\$00 — idem	LUBECK — N.º 5 — 70\$00 — Novo com boas margens
BAVIERA — N.º 29-A — 500\$00 — lig. def. no dent.	MALTA — N.º 3-a — 250\$00 — Novo
BELGICA — N.º 25 — 150\$00	MECKLEBOUG-SCHWERIN — N.º 3 300\$00
BERGEDORF — N.º 7 — 2.500\$00 — c/ pea, defeito	NORUEGA — N.º 1 — 400\$00 — com excelente oblit.
COMP.ª DANUBIANA DE NAVEGA- ÇÃO A VAPOR — N.º 1 — 2.500\$00	OLDENBOURG — N.º 2 — 70\$00 — boas margens
ILHAS JÓNICAS — N.º 2 — 1.500\$00 — margens pea.	PRÚSSIA — N.º 2 — 200\$00 — boas margens
FINLÂNDIA — N.º 13-a — 150\$00 — Novo	N.º 4 — 50\$00 — boa oblit.
GRÉCIA — N.º 106 — 50\$00 — ex- celente oblit.	N.º 14 — 100\$00 — mag- nifico
HOLANDA — N.º 1-b — 200\$00 — lindo	N.º 18 — 250\$00
N.º 2 — 70\$00	SICILIA — N.º 24 — 10.000\$00 — com lig. adelaçamento
ILHA DE HELIGOLAND — N.º 16 — 300\$00 — Novo	SUECIA — N.º 6 — 80\$00 — com lig. defeito
ISLÂNDIA — N.º 14-A — 200\$00 lindo	N.º 10 — taxa — 180\$00 — exc. oblit.
N.º 15 — 50\$00 — ex- celente oblit.	SUISSA — N.º 20 — 350\$00 — lindo

Além dos lotes indicados, vendem-se ou trocam-se dezenas de outras belas «peças» que servirão para preencher as «casas» vazias dos vossos álbuns.

Esclarecimentos e informações detalhadas, por escrito, para o
«Apartado 93» — AVEIRO — PORTUGAL

— N. Salema Apartado 93 — Aveiro

Colecciona: desportos de Portugal e Ultramar (usados); peixes e frutos universais (usados); erros, provas, variedades, blocos, etc., dos referidos temas. Compra e troca selos e envelopes, com motivos referidos. Correspondência em português, espanhol, francês e inglês.

— António Campos Graça Rua Cap. Sousa Pizarro, 28 — Aveiro

Troca ou vende selos do Continente e Ultramar, novos ou usados

— João Carlos Correia de Almeida Rua Gustavo F. Pinto Basto, 69-2.º Esq. — Aveiro

Troca ou compra selos de Portugal por selos da Fauna mundial (normais, provas ou erros). Correspondência em francês e inglês

— João Augusto Soares Rua do Bonfim, 150-1.º — Porto

Troca, compra e vende selos do Continente e Ultramar. Correspondência em francês e inglês

— José Caleiro Silvestre Rua Camilo Pessanha, 13-1.º Dt. — Lisboa - 5

Troca, compra e vende selos do Continente e Ultramar, novos

— José Henriques dos Santos Rua de Ilhavo, 40-r/c Esq. — Aveiro

Troca selos do Continente e Ultramar por quadras ou blocos e erros da Fauna e Flora

AVEIRO

espera-o



bibRIA

INFORMAÇÕES

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 95-A

TELEFONE 23680



Selos & Moedas

REVISTA TRIMESTRAL DA
Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos
Filial da Federação Portuguesa de Filatelia
e na
Sociedade Portuguesa de Numismática

Aveiro, 1 de Março de 1965
Ano III Número 10

FUNDADOR

Morais Celado

DIRECTOR E EDITOR

João Carlos Correia de Almeida

DIRECTOR ADJUNTO

Nuno Salema

REDACTORES

Amadeu de Sousa
António Fries Galhardo

ADMINISTRADOR

José Henriques dos Santos

Redacção, Sede e Administração:

CLUBE DOS GALITOS — AVEIRO

DISPENSADA DE CENSURA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica
do Vouga — Telefone 22746 — AVEIRO

Svmário

LIMIAR

Correia de Almeida

I CONGRESSO FILATÉLICO PORTUGUÊS

Dr. Jorge de Melo Vieira

MAIS DE 300 ANOS DE SELOS DO CORREIO

Dr. António Fragoso

AS CRIAÇÃS E A FILATELIA

Edmundo Neves

A MEDALHA DA TEXTÁFRICA

Dr. Arnaldo Brazão

UMA RARIDADE FILATÉLICA

Nuno Salema

DO ABC DA NUMISMÁTICA

Dr. Raúl Gonçalves

OS CARIMBOS NUMÉRICOS DE MOÇAMBIQUE

Jorge L. P. Fernandes

FALEMOS DE FILATELIA

Dr. A. de Alberto Figueiredo

SÓCIOS DE MÉRITO • HOMENAGEM

CARTA ABERTA • REPORTAGENS •

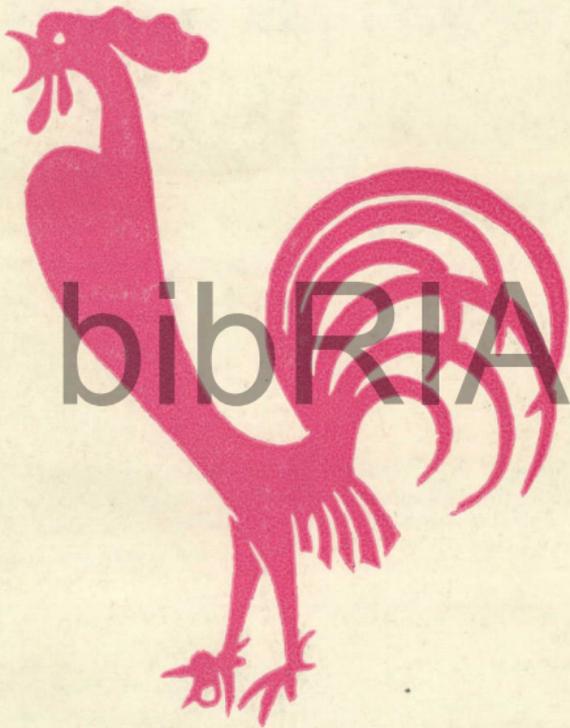
PEÇO A PALAVRA • O NOSSO APELO

• JÁ SABIA QUE ... • CORPOS

DIRECTIVOS • ECOS & NOVIDADES •

ÚLTIMOS SELOS • MARCOFILIA

• MANCOLISMO



Para principiar ou continuar uma colecção de selos de Portugal, Ultramar, Estrangeiro, Temática etc. visitar ou enviar lista de faltas a

HENRIQUE MANTERO

FRANÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELEF. 32 81 76 — LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

MERCADO FILATÉLICO

Rua de Santo António, 193-1.º

PORTO

ALBUNS

para PORTUGAL E ULTRAMAR
modelos Simões Ferreira e Mercado Filatélico.

CATÁLOGO

SIMÕES FERREIRA 1963

SELOS NACIONAIS, ESTRANGEIROS E TEMÁTICOS

Sancho Osório

Selos para colecção

REMESSAS À ESCOLHA PORTUGAL E ULTRAMAR

Selos isolados novos e usados
Séries completas novas

★

Selos usados em quantidade
receito em pagamento

pedir n/ tabela de
valorização de condições de troca

★

R. da Madalena, 80-3.º LISBOA

Telef. 86 91 94

Escritório Filatélico

FUNDADO em 1920

F. Castel-Branco & Filho, L. da

Raridades de Portugal e Ultramar :- Selos estrangeiros :- Novidades :- Temáticas

REMESSA À ESCOLHA E POR MANCOLISTA

Avenida Rocha Páris, 54-1.º :- Telefone 22020

End. telegráfico REPERFILA

:- Apartado n.º 44

VIANA DO CASTELO

PORTUGAL

Senhores filatelistas

CONSULTEM OS SERVIÇOS DE FILATELIA DOS CTT NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES funcionando na sede da Administração Geral, na Rua de S. José, sobre as edições de selos postais, nomeadamente acerca de:

— Selos existentes e à venda;

— Próximas edições e datas prováveis.

bibRIA

INSCREVAM-SE GRATUITAMENTE NOS SERVIÇOS DO GABINETE DO CONSULTOR ARTISTICO DOS CTT, situados no edifício da Rua Sinel de Cordes, n.º 9, Lisboa 1, a fim de serem informados, através do envio de « pagelas », das novas edições a aparecer.

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?

Inscreve-se como sócio da

Secção Filatélica e Numismática
DO CLUBE DOS GALITOS

RECEBERÁ GRATUITAMENTE

SELOS S MOEDAS

Fomento, divulgue e pratique

FILATELIA

SAPATARIA LEITÃO DE

Manuel Ferreira da Rocha Leitão, Suc.

(CASA FUNDADA EM 1908)

CORRESPONDENTE DO BANCO DA AGRICULTURA

Agente da Companhia de Seguros «A PÁTRIA»

Ruas Eça de Queirós e Rato - Telefone 23308 - AVEIRO

Qualquer selo que neces-
site ..

Qualquer sobrescrito que
lhe falte...

Qualquer material filatélico
que lhe interesse...

Qualquer informação que
deseje...

Para tudo sobre

FILATELIA

Sérgio W. de Sousa Simões

Telefone 22657

CALDAS DA RAINHA

A. Simões

Sempre interessado em
lotes, stocks colecções de
Portugal Ultramar e es-
trangeiro especialmente
Alemanha, Vaticano, Lie-
chtenstein, Luxemburgo,
S. Marino, etc. —

*Erros, selos sobre fragmentos
ou envelopes antigos*

Selos comuns para pacotes
de Portugal e Ultramar
Vendo selos mediante
mancolista, de Portugal
— e Ultramar —

PRAÇA DA RENOVAÇÃO, 9- 2.º-D.

ALMADA

H. Santos Viegas

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º — Telef. 35052 — LISBOA

Casa especializada em selos de Portugal e Ultramar
Variado stock de selos estrangeiros

CASA A. MOLDER

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º
LISBOA - 2 Telefone 21514

TUDO PARA FILATELIA

SELOS DE PORTUGAL E ULTRAMAR
é a nossa grande especialidade

SELOS DE TODO O MUNDO PARA TODOS OS TEMAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE SELOS
EM 15 VITRINES NO ATRIO DO RÉ-
-DO-CHÃO E NO 3.º ANDAR (elevador)

EXECUÇÃO RÁPIDA DE PEDIDOS POR CORRESPONDÊNCIA

C O M P R A — V E N D A

Selos-Álbuns

Milhares de séries
completas de Por-
tugal, Ultramar e
Estrangeiro, classi-
ficadores, tiras
Hawid, listas de
preços grátis

CASA FUNDADA EM 1922

Eládio de Santos

Rua Bernardo de Lima, 27 — Tel. 4 97 25

LISBOA - 1

DOMINGOS DO SACRAMENTO

MERCADO FILATÉLICO DE LISBOA

Rua do Crucifixo, 26 - Telef. 32 48 91 - LISBOA - 2

SELOS E MATERIAL FILATÉLICO

Edições: Simões Ferreira

Mercado Filatélico
e Eládio de Santos

Circulares grátis em distribuição



GOVERNOS PORTUGUESES
GOVERNOS PORTUGUESES

LITOGRAFIA NACIONAL PORTO

IMPRIME SELOS POSTAIS PARA PORTUGAL E ESTRANGEIRO E AS SUAS
EXECUÇÕES SATISFAZEM OS MAIS EXIGENTES FILATELISTAS DO MUNDO.

bibRIA

CASA FILATÉLICA J. ELL

FUNDADA EM 1940

Novidades estrangeiras sempre aos melhores preços.
Lista de preços periódicas. Aceitamos assinantes de novidades.
Todo o material para o filatelista. Tiras HAWID.

Rua da Prata, 184-2.º Esq. Telef. 32 35 08 — LISBOA 2

